



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Maria Suênia Guedes do Ó

**“QUE TUDO SEJA PARA A GLORIA E PARA O PROGRESSO DA TERRA
ADMIRÁVEL DE JOÃO PESSOA”: NAÇÃO, ESCOLA NOVA E EDUCAÇÃO
DAS CRIANÇAS PEQUENAS NAS REVISTAS DO ENSINO DA PARAÍBA
(1932 a 1942)**

Orientadora: Dra. Máira Lewtchuk Espindola

JOÃO PESSOA
2020

MARIA SUÊNIA GUEDES DO Ó

**“QUE TUDO SEJA PARA A GLÓRIA E PARA O PROGRESSO DA TERRA
ADMIRÁVEL DE JOÃO PESSOA”: NAÇÃO, ESCOLA NOVA E EDUCAÇÃO
DAS CRIANÇAS PEQUENAS NAS REVISTAS DO ENSINO DA PARAÍBA
(1932 a 1942)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, em
cumprimento das exigências parciais para a
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Prof^a Dra. Maíra Lewtchuk
Espindola

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D631q do Ó, Maria Suenia Guedes.

"QUE TUDO SEJA PARA A GLÓRIA E PARA O PROGRESSO DA
TERRA ADMIRÁVEL DE JOÃO PESSOA": NAÇÃO, ESCOLA NOVA E
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS NAS REVISTAS DO ENSINO
DA PARAÍBA (1932 E 1942) / Maria Suenia Guedes do Ó. -
João Pessoa, 2020.
59f.

Orientação: Maira Lewtchuk Espindola.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Criança. Infância. Escola Nova. Nação. I. Espindola,
Maira Lewtchuk. II. Título.

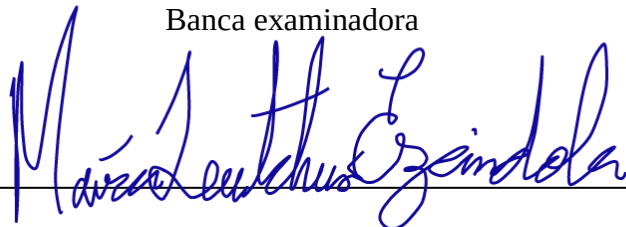
UFPB/BC

MARIA SUÊNIA GUEDES DO Ó

**“ QUE TUDO SEJA PARA A GLORIA E PARA O PROGRESSO DA TERRA
ADMIRÁVEL DE JOÃO PESSOA”: NAÇÃO, ESCOLA NOVA E EDUCAÇÃO
DAS CRIANÇAS PEQUENAS NAS REVISTAS DO ENSINO DA PARAÍBA
(1932 a 1942)**

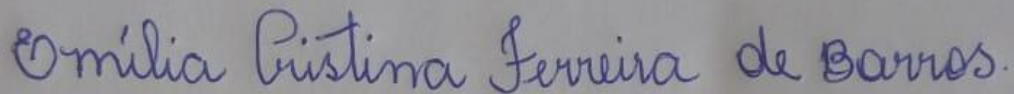
Aprovada em: 10 de abril de 2020

Banca examinadora



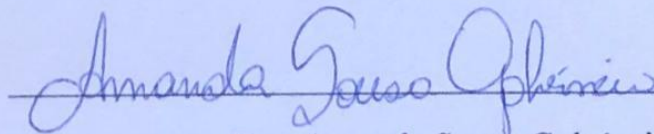
Dra. Maíra Lewtchuk Espindola

Orientadora – UFPB



Dra. Emília Cristina Ferreira de Barros

Examinadora - UFPB



Dra. Amanda Sousa Galvício

Examinadora - UFPB

A todas as pessoas que assim como eu, ainda acreditam que a educação é uma ferramenta imprescindível para atingirmos a paz, o respeito e a dignidade humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter segurado a minha mão e não ter me deixado desistir, dando-me firmeza nos momentos de extremo cansaço e que entre lágrimas eu achava que não daria conta. Obrigada!

A Santo Antônio, que pela sua intercessão me ajudou a caminhar firme e forte.

A Deusa Lakshmi, que me ensinou a seguir esse caminho acreditando na providência transcendental.

A minha mãe Sônia Guedes de Andrade (em memória) que em vida sempre primou por meus estudos, me dando todas as condições para que eu sempre seguisse adiante me inspirando para que eu nunca esqueça que venho de uma linhagem de guerreiras. Obrigada mainha!

A minha amada filha Ananda Guedes do Ó, que me fez conhecer um amor que eu não sabia que existia. Te Amo filha!

Aos meus amados irmãos Ronaldo Andrade, Reginaldo Andrade, Sandro Ramon, Robson Andrade e especialmente a minha irmã Carla que cuida de mim e me ama como se fosse mainha (acho que é minha alma gêmea rrsrs).

Agradeço as minhas queridas sobrinhas, vocês são parte de mim.

Ao meu esposo Flamarion que continua me amando e me apoiando mesmo quando nem eu mesma me suporto. Obrigada amor!

Aos amigos que Deus me concedeu nessa caminhada, não citarei nomes para não correr o risco de passar despercebida de alguém, todos de alguma forma contribuíram para a pessoa que me tronei. Obrigada!

Aos meus amigos da CI Tambauzinho e aos que por algum motivo não se encontram mais lá, mas que eu tenho plena certeza de que estão na torcida por mim. Um agradecimento especial a Delma Vanderley que além de amiga (participante de todas as polêmicas em que me enfiou rrsrs) tornou-se minha mãe de estudos.

A todos(as) companheiros(as) da turma 2015.1 em especial: Kilma Cristeane, Verônica Madruga e Luciana Teixeira, vocês foram fundamentais nessa caminhada.

Ressalto também a minha mais recente conquista as amigas que se tornaram companheiras nessa trajetória: Aureliane Regis e Mariza Gomes. Obrigada meninas!

Aos queridos professores (as), cada um com suas especificidades, deixaram profundas marcas de afeto, admiração, gratidão e aprendizado.

Um agradecimento mais que especial a minha orientadora Máira Lewchuk, que me acolheu e me conduziu com maestria durante o desenvolvimento desse trabalho, me inspirando como profissional e ser humano. Melhor orientadora do planeta! Obrigada!

“É preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O presente trabalho tem como tema os conceitos de infância e de criança entrelaçados com os ideais de nação e da escola nova, encontrados nos artigos das *Revistas do Ensino* da Paraíba entre os anos de 1932, data da primeira publicação, e 1942 ano da última publicação. A escolha do tema se deu devido a identificação com a história da infância, concentrando-se principalmente entre as décadas de 1930 e 1940 na Paraíba. É motivo de grande interesse também, analisar como os/as professores/as da época produziam discursos sobre a educação e sobre as práticas pedagógicas. As fontes pesquisadas foram: 15 exemplares das *Revistas do Ensino* da Paraíba; das quais utilizamos sete exemplares para fins de citação na nossa pesquisa. O presente trabalho tem como objetivo principal observar nos artigos da *Revista do Ensino* da Paraíba como estavam sendo trabalhados os conceitos de infância e de criança entre os anos de 1932 e 1942. Além de ter como objetivos específicos: Entender como a escola nova e seus métodos tiveram influência nos escritos sobre criança dessa revista; Trabalhar a relação entre nação, progresso e educação das crianças pequenas encontradas nos artigos. Através de nossos estudos foi possível delinear como a partir dessas publicações eram divulgadas ideias que tinham como objetivo construir um modelo de sociedade e de um sujeito. As matérias eram pautadas no discurso de que caberia as crianças pequenas a regeneração do povo, uma vez, que seria através da instrução que se daria a formação adequada desses indivíduos. A partir de breves apontamentos verificamos a influência da escola nova e como os seus métodos estavam sendo propagados como modelos para as práticas de ensino, assim como de um “novo modelo” de professor. Ao se percorrer os escritos sobre infância e sobre as crianças na *Revista do Ensino*, se procurou contribuir para a escrita da história da infância no Brasil e, especificamente, na Paraíba, trazendo à tona os sujeitos que atuaram na educação das crianças e de que forma eles passaram a pensar essas crianças. A educação da primeira infância foi percebida como necessária para nação e estava ligada à preparação das crianças para as primeiras letras e a sua formação enquanto futuros cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Infância. Escola Nova. Nação

ABSTRACT

This work has as theme the concepts of childhood and children intertwined with the ideals of nation and of the *escola nova*, found in the articles of the Magazines of the Teaching of Paraíba between the years 1932, date of the first issue, and 1942 year of the last issue. The choice of the theme happened due to the identification with the history of the childhood, focusing especially between the decades of 1930 and 1940 in Paraíba. It is also a reason of great interest, analysing how the teachers from that epoch produced speeches about the education and about the pedagogic practices. The sources researched were: 15 samples of the *Revistas do Ensino da Paraíba*; from which we used seven samples for citations in our research. This work has as main objective to observe in the articles of the magazine *Revista do Ensino da Paraíba* how the concepts of childhood and children were being worked between 1932 and 1942. Besides having as specific objectives: Understanding how the *escola nova* and their methods had influence in the writings about children of this magazine; Working the relation between nation, progress and education of the small children found in the articles. Through our studies it was possible to outline how from these publications were published ideas that had as objective to build a model of society and of a subject. The subjects were based on the speech that would fit to small children the regeneration of the people, once, that it would be through the instruction that adequate formation of these individuals would happen. From brief notes we recognised the influence of the *escola nova* and how its methods were being disseminated as models for the teaching practices, as a “new model” of teacher. When going through the writings about childhood and about the children in the *Revista do Ensino*, we aimed to contribute for the writing of the History of the childhood in Brazil, and specifically, in Paraíba, eliciting the subjects that acted in the education of the children and how they became to think these children. The education of the first childhood was perceived as necessary as nation and was connected to the preparation of the children for the first letters and its formation while future citizens.

KEY-WORDS: Children. Childhood. *Escola Nova*.

LISTA DE IMAGEM E TABELA

Figura 1 - Capas da <i>Revista do Ensino</i> da Paraíba	29
Tabela 1 - Mapeamento. Elaborada em com o Grupo de Pesquisa do Prolicen	39

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO</u>	12
<u>2. O ENTRELAÇAMENTO DA INSTRUÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS, DA NAÇÃO E DA ESCOLA NOVA</u>	20
2.1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE INFÂNCIAS E DE CRIANÇAS	20
2.2 O ESCOLANOVISMO NA PARAÍBA: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DA DÉCADA DE 1930	27
<u>3. AS PÁGINAS DAS REVISTAS DO ENSINO NA PARAÍBA: NAÇÃO, EDUCAÇÃO E ESCOLA NOVA</u>	35
3.1 A REVISTAS DO ENSINO: BREVE MAPEAMENTO DOS ESCRITOS SOBRE CRIANÇA E INFÂNCIA	36
3.2 NAÇÃO E ESCOLA NOVA: A INFÂNCIA REPRESENTADA NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ENSINO	45
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	54
<u>REFERÊNCIAS</u>	57
FONTES	59

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema os conceitos de infância e de criança entrelaçados com os ideais de nação e da escola nova, encontrados nos artigos das *Revistas do Ensino* da Paraíba nas décadas de 1930 e 1940. Essa revista circulou na Paraíba entre os anos de 1932 e 1942, era produzida pela Imprensa Oficial e editada pela Diretoria do Ensino Primário do Estado. Segundo Rodrigues e Silva (2019), a *Revista do Ensino* era um meio dos interesses educacionais do estado na época e também um espaço para se divulgar as ideias dos intelectuais, educadores e políticos em geral.

A *Revista do Ensino* da Paraíba teve como idealizador e primeiro editor o professor José Baptista de Mello (RODRIGUES; SILVA, 2019). José Baptista de Mello nasceu em 22 de dezembro de 1895 na então vila de Teixeira¹ no estado da Paraíba. Filho de Juventino Ananias Baptista de Mello e de Elvira Xavier Baptista. Iniciou os estudos no povoado de Umburanas² Pernambuco, também estudou em Campina Grande e na cidade da Paraíba³. Em 1913 matriculou-se na Escola Normal da Paraíba, recebendo o título de professor normalista em abril de 1917. Teve uma atuação bastante intensa no que se refere aos projetos e processos educacionais paraibanos, isso se deu pelo fato de ter exercido uma variedade de cargos nesse âmbito. João Baptista de Mello faleceu em João Pessoa, Paraíba no dia nove de novembro de 1973. Mello teve forte influência na *Revista do Ensino* e também seu nome está associado a divulgação das ideias escolanovistas no estado, assim como de métodos “modernos” para a educação.

Azevedo (2016) nos chama a atenção para o fato de que havia um “embate” entre os intelectuais que pensavam a educação nas décadas de 1920 e 1930, dessa forma encontrava-se de um lado os defensores das ideias tradicionais e do outro os “métodos modernos” para a educação. Esse embate ocorreu nos outros estados brasileiros e foi sistematizado pelos defensores da Escola Nova como: Educação tradicional (velha) X Educação Moderna (novo modelo). “Ser moderno”, na Paraíba dos anos 1930, significava ser avançado, novo nas palavras dos defensores dessa corrente de ensino, mesmo que na maioria das vezes, não ocorresse um rompimento com certas práticas representativas do

¹ Atualmente é denominado de município de Teixeira.

² Atual cidade de Itapetim.

³ Antiga denominação da capital da Paraíba, João Pessoa.

“velho” e do o “passado”, ou seja, “[...] mas uma tensão entre continuidades e descontinuidades.” (AZEVEDO, 2016, p. 20).

Assim existia a necessidade de se tornar “moderno”, essa foi sentida em diversos países do mundo inclusive no Brasil segundo Azevedo (2016). E para tal era necessário que os países realizassem reformas nos seus sistemas de educação. Para a educação, era lançada uma espécie de “clamor geral a nação”, a partir de um discurso da “inovação” e de rejeição ao retrogrado e ao atraso (passado), dessa forma precisava-se fazer uso da adoção de novas práticas e pensamentos que influenciariam no “melhoramento do indivíduo futuro, ou seja, na produção de sujeitos honrados e civilizados”. (AZEVEDO, 2016, p. 20).

Nessa perspectiva, “ser moderno” significava adotar os métodos e as práticas ligadas à Escola Nova, essas precisavam ser desenvolvidas e testadas nas realidades locais e mundiais. Azevedo (2016) ainda afirma que essas práticas e modelos eram centradas na individualização do sujeito e pela busca do progresso econômico e sociais. As práticas modernas tinham estreita ligação com o repensar a organização dos espaços, dos tempos e dos profissionais da educação.

A partir da primeira década do século XX, no Brasil, surgiram experiências educativas ligadas a Escola Nova, essa vertente procurava se colocar como oposição ao ensino tradicional. Um dos aspectos marcantes nesse processo relacionava-se a psicologia, que se afirmava nesse momento com o papel preponderante de diferenciar a psique infantil da psique adulta. “A valorização do poder educacional na exaltação de reformas econômicas, políticas e sociais pelos partidários da Escola Nova, teve a virtude de lançar seu olhar para a formação do professor”. (CARVALHO, 2002, p. 01).

Nesse contexto, a psicologia teve uma importância fundamental para que a noção de infância e de criança, as quais estavam ligadas inicialmente apenas a um sentimento amoroso, se tornarem um conceito científico. Dessa forma as emoções, as formas de pensar, os interesses e os quereres das crianças e da infância foram designados como campos de saberes da pedagogia e da psicologia.

Na Paraíba também ocorreu a introdução das ideias escolanovistas no campo educacional, simultaneamente a expansão do ensino. O ex-Inspetor de Ensino da Capital, o professor José Baptista de Mello, assumiu o cargo de Diretor do Ensino Primário no governo de Antenor Navarro (1930 -1932).

As atividades assumidas e desenvolvidas por Mello, permitem-nos considerá-lo um expoente do escolanovismo paraibano nos anos vinte e trinta. Foi aluno da Escola Normal, assim como fundador da Sociedade dos professores primários e editor da revista *O Educador* na década de 20. Ainda por sugestão da Diretoria do Ensino e através do decreto 8 de junho de 1932, foi criada a revista do Ensino visando informar aos professores do interior o que se processa nos centros adiantados, em assuntos de educação, assim como, deixá-los cientes do movimento em relação ao Departamento de Instrução. (CARVALHO, 2002, p. 04).

O foco dessa mudança era os professores. Em seu inscrito Mello afirmava compreender que para ocorrer toda e qualquer mudança, a base tinha que ser o professor. Através do decreto 497 de 12 de março de 1934, foi criada uma escola de Aperfeiçoamento de Professores que começou a funcionar sob sua direção.

Mello compareceu, em 1934, como representante da paraíba na VI Conferência Nacional de Educação realizada em Fortaleza. E em 1935 no governo de Argemiro de Figueiredo, foi criada a Escola de Aperfeiçoamento de Professores, na qual a direção imediata era de José Batista de Mello. Segundo Carvalho (2002, p. 05):

As iniciativas educacionais que desabrochavam na Paraíba sofriam a influência dos Estados mais favorecidos economicamente e, desta forma, para acompanhar as discussões desenvolvidas dos grandes centros que giravam em torno do ideário escolanovista, o professor José Baptista de Mello foi enviado em 1935, pelo governo estadual, para estudar o que se passava em âmbito educacional nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

A circulação de sujeitos e ideias, além das viagens pedagógicas, eram comuns no século XIX e XX. Assim era comum os presidentes de estado ou governadores enviavam seus representantes para outros estados ou para fora do país para conhecer os modelos já implantados, podemos ver diversos exemplos nos trabalhos de Espindola (2012, 2017) e Romão (2019).

Assim o discurso era que se precisava adequar as condições locais e implantar o que havia de mais “inovador” no que se referia aos métodos e ideias no plano educacional. Segundo Espindola (2012), o movimento da Escola Nova no Brasil utilizou como base da sua discussão as palavras “inovadores”, “novos métodos”, “modernos”, entre outros para uma construção de um ideário educacional. Nesse processo José Batista de Mello e a *Revista do Ensino* da Paraíba tiveram um papel central, inclusive a reforma da instrução

pública no Estado, lei nº 16, sancionada por Argemiro de Figueiredo em 13 de dezembro de 1935 foi baseada nas propostas de José Baptista de Mello (CARVALHO, 2002).

Um dos motivos que nos levou a pesquisar as Revistas do Ensino consiste principalmente no fato dessas revistas nos apresentarem através dos artigos nelas publicados, quais eram as conceituações e concepções de crianças, mais precisamente as pequenas, e de que forma a educação formal das mesmas deveria ser conduzida. Então passamos a nos questionar: Quais eram esses conceitos de infância e criança nas páginas da *Revista do Ensino da Paraíba*? Quais as relações dessas concepções com a escola nova? E com o conceito de nação?

A escolha do tema se deu devido a nossa identificação com a história da infância, concentrando-se principalmente entre as décadas de 1930 e 1940 na Paraíba. É motivo de grande interesse também, analisar como os/as professores/as da época produziam discursos sobre a educação e sobre as práticas pedagógicas.

Aliado ao interesse de estudar a infância, no ano de 2019, nos integramos ao grupo de estudos do Programa de Licenciatura (Prolicen) “Arquivos Escolares: professores e crianças como construtores de memórias e guarda”⁴ como voluntária. Nesse mesmo período fomos vinculadas ao grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil - GT Paraíba (HISTEDBR/PB)⁵.

Dessa forma, no projeto começamos a mapear o conceito de infâncias e de crianças a partir dos artigos produzidos nas *Revistas do Ensino*, fato importante para nossa formação e como futura pedagoga. Então para este trabalho de conclusão de curso resolvemos pesquisar esses conceitos contidos nessa revista.

Iniciamos realizando um levantamento sobre os trabalhos existentes que possuíam como tema as *Revistas do Ensino da Paraíba*. “Para Além do Didático-Pedagógico: A

⁴ Esse projeto teve a coordenação da Professora Dra. Máira Lewtchuk Espindola (DHP/UFPB) e tem a colaboração da Professora Dra. Amanda Sousa Galvêncio (DEBAS/UFPB). Tem como aluna bolsista Mariza Gomes da Silva e as alunas voluntárias Aureliane Regis Romão e Maria Su~enia Guedes do Ó. Seu objetivo principal era de realizar oficinas pedagógicas para constituição de acervos escolares no qual os/as professores/as e as crianças da Educação Infantil sejam construtores de uma memória educacional e produtores de uma história da educação.

⁵ O HISTEDBR-PB conta com a coordenação do Professora Dra. Máira Lewtchuk Espindola e da Professora Dra. Mauricéia Ananias. Está vinculado ao grupo nacional do HISTEDBR, coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval Saviani da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O grupo local tem como foco desenvolver pesquisas em história da educação na Paraíba e realizar levantamentos e catalogações de fontes para pesquisas nesse campo do conhecimento no estado.

Formação de Professores na Revista do Ensino da Paraíba” das autoras Vivia de Melo Silva e Melânia Mendonça Rodrigues (2016), o artigo tem como objetivo apresentar uma síntese do levantamento realizado nos 18 números da REPB e das homenagens prestadas a personagens da política local. E também o artigo “A Educação da Infância: Uma Leitura na Revista do Ensino da Paraíba (1932-1934)” de Meryglauca Silva Azevedo Lucena Azevedo, do ano de 2019. A autora fez uma análise em torno dos enunciados sobre a infância, considerando os discursos produzidos sobre elas na década de trinta na Paraíba, a partir das matérias publicadas nas *Revistas do Ensino*. “Imprensa e Educação: A Revista do Ensino da Paraíba” das autoras Melânia Mendonça Rodrigues e Vívica de Melo Silva (2019), analisam a *Revista do Ensino* em sua materialidade, destacando seus elementos caracterizadores, a saber: a publicação e circulação, os objetivos e aspectos materiais dos seus exemplares. Outra contribuição importante foi a leitura da dissertação de Meryglauca Silva Azevedo Lucena Azevedo (2016), “‘A Crença é uma planta mimosa e gentil, frágil e encantadora’: Um estudo sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932 - 1942)”. Nela, a autora analisa quais foram os discursos produzidos para a legitimação de uma concepção de infância e de educação, de um tempo em que há proeminência do uso das ciências modernas no espaço escolar e no da formação docente.

Outro ponto relevante foi o conceito de infâncias e crianças, para tal lemos os textos Kuhlmann Jr. (2002) “A circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX”. O capítulo traz um panorama da educação das crianças pequenas, principalmente no Rio de Janeiro. Utilizamos ainda, o texto de José Mateus do Nascimento (2001) “O Jardim de Infância Modelo de Natal e o Cultivo de Uma Pedagogia para a Educação Infantil.” O texto analisa como tanto a concepção de criança como a de infância tem mudado ao longo do tempo.

Depois buscamos artigos que trabalhavam com o ideário da Escola Nova e com o professor José Baptista de Mello entusiasta das ideias escolanovistas na Paraíba. Lemos o artigo de Angêla Mara de Barros Lara e Maria Cecília Rafael (2011) “A proposta de Lourenço Filho para a Educação de crianças de 0 a 6 anos”. O artigo versa sobre a contribuição de Lourenço Filho no campo das políticas educacionais destinadas principalmente a instrução das crianças pequenas. Outro texto de grande relevância para as nossas pesquisas foi o de Kulesza (2016), intitulado “Educação e Política na Paraíba (1930 – 1945)”, no qual o autor analisa como se deu as iniciativas de reforma educacional tomadas nos anos 1920 e do ideário moderno, de nação e de progresso. No artigo “Um

Escolanovista Paraibano”, Roberta Costa de Carvalho (2002) analisa a trajetória do professor José Baptista de Mello e suas contribuições em relação aos rumos dados a educação paraibana. Em “Segunda vertente: A História da Educação e as Escolas Normais” de Diana Gonçalves Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho (2003), os autores refletem como se realizou a introdução da disciplina História da Educação no Currículo da Escola Normal, mais especificamente do Rio de Janeiro, assim como também a reorganização do curso de formação para o magistério promovidas por Fernando de Azevedo, suas reformas e as influências sofridas pela Escola Nova (citar os lidos)

Por fim, ainda destacamos o TCC de Carla Guedes do Nascimento que tem como título “Ideias de Xavier Júnior sobre o jardim de infância da Paraíba na Primeira República” e foi defendido em 2018 no curso de Pedagogia da UFPB com a orientação da Professora Máira Espindola. E seu objetivo principal foi “[...] compreender a necessidade de implementar a educação para as crianças pequenas na Paraíba, indicada nos Relatórios da instrução pública divulgados por Xavier Júnior de 1908 a 1913.” (NASCIMENTO, 2018, p. 08).

E o TCC de Aurilane Regis Romão “ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS NA PARAÍBA: a criação dos primeiros jardins de infância e os escritos sobre infância na *Revista do Ensino* (1930-1942)” também orientado por Máira Lewtchuk Espindola, defendido no ano de 2019 no curso de Pedagogia da UFPB e que tem como objetivo principal. Pesquisar como se deu a criação dos primeiros Jardins de Infância na Paraíba, destacando a atuação da professora Alice de Azevedo Monteiro.

Nessa perspectiva, o marco inicial do nosso recorte foi o ano de 1932, em que foi publicada a primeira *Revista do Ensino* da Paraíba e a data final foi o ano 1942 data da última publicação da *Revista do Ensino* que encontramos e mapeamos no Prolicen. As fontes pesquisadas foram: 15 exemplares das *Revistas do Ensino* da Paraíba; das quais utilizamos sete exemplares para fins de citação na nossa pesquisa.

Pensar sobre os conceitos de criança e de infância nas *Revistas do Ensino*, a partir dos discursos produzidos pelos seus autores, nos levou a compreender outras questões importantes para o período como o discurso sobre a Nação, o progresso e as ideias escolanovistas. Nos levou também a perceber o quanto as pesquisas na área de história da educação passaram a contemplar outros elementos e outras fontes na sua produção. De acordo com Skalinski Junior e Toledo (2012 p. 255-256):

Os avanços tecnológicos trouxeram algumas facilidades para pesquisas no campo da história, particularmente, as proporcionadas pela digitalização de fontes e sua disponibilização em redes eletrônicas. O acesso às versões digitais de diferentes modalidades de fontes, especialmente às mais antigas, tornou-se um instrumento valioso que serve aos pesquisadores – das diferentes áreas que realizam pesquisas históricas.

E foi a partir da digitalização realizada por um grupo de pesquisadoras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)⁶ que tivemos acesso às essas fontes no *site* < <https://issuu.com/revistadoensino> >.

Espindola (2017, p. 38) destaca que “[...] como fonte de pesquisas pode contribuir para o pesquisador entender a movimentação de ideias do período, além do cotidiano dos projetos políticos e educacionais, os quais eram alvos de disputa na sociedade.” Seguindo a mesma tendência de evidenciar outras fontes como importantes documentos históricos, Morel e Barros (2003, p. 08) relatam que atualmente são várias pesquisas em história que trabalham com a imprensa “[...] como fonte documental, integra-se a outros materiais que dão suporte a pesquisas e reflexões em diferentes; como objeto, transforma-se ela mesma no foco dos trabalhos.” Nessa perspectiva Skalinski Junior e Toledo (2012 p. 263), nos chama atenção para o fato de ao produzirmos a pesquisa

Distinguir se o periódico era ligado a algum grupo específico, se representava/expressava uma concepção política ou de mundo em particular, se propunha-se, ao menos em tese, a ser um veículo de comunicação neutro, todas estas são questões prementes para aquele que se propõe a pesquisar a história por meio de periódicos.

Diante desses autores, pensamos a utilização desses impressos como fontes para o nosso trabalho.

O presente trabalho tem como objetivo principal observar nos artigos da *Revista do Ensino* da Paraíba, como estavam sendo trabalhados os conceitos de infância e de criança entre os anos de 1932 e 1942. Além de termos como objetivos específicos:

 Entender como a escola nova e seus métodos tiveram influência nos escritos sobre criança dessa revista;

⁶ A equipe era formada por Laís Venâncio de Melo, Melânia Mendonça Rodrigues, Meryglauca Silva Azevedo, Niédja Maria Ferreira de Lima, Pâmella Tamires Avelino de Sousa e Vivia de Melo Silva.

 Trabalhar a relação entre nação, progresso e educação das crianças pequenas encontradas nos artigos.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. Nesse primeiro capítulo apresentamos os nossos questionamentos, as principais referências que utilizamos, as nossas fontes e os nossos objetivos. No segundo capítulo intitulado: “O entrelaçamento da instrução das crianças pequenas e da nação”, realizamos um levantamento teórico através da leitura de textos em que os autores versavam sobre a temática em questão. No terceiro capítulo que tem por título: “As páginas das *Revistas do Ensino* na Paraíba: nação, educação e escola nova” apresentamos os artigos utilizados da Revista, destacando como o discurso produzido pelos autores estavam imbricados na intenção de construir uma narrativa capaz de formatar o futuro cidadão. Realizamos também um diálogo entre os referenciais teóricos que lemos com os discursos produzidos pelos autores na Revista do Ensino a partir da utilização de citações retiradas dos textos desse período. E por fim, as considerações finais do nosso percurso nas quais colocamos a importância da realização deste trabalho para nós, futuras pedagogas.

No próximo tópico, apresentamos como se deu a construção do conceito de infância e criança, além de trabalharmos com os ideias de escola nova difundidos no Brasil e na Paraíba.

2. O ENTRELAÇAMENTO DA INSTRUÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS, DA NAÇÃO E DA ESCOLA NOVA

Neste capítulo realizamos um levantamento teórico que foi de grande importância para nós que estamos iniciando na história da educação. Para tanto nos utilizamos de textos que versam sobre a criança e as infâncias. Além disso, através das pesquisas realizadas percebemos o lugar de centralidade que as *Revistas do Ensino* ocuparam no que diz respeito a propagação de ideias ligadas a um “novo olhar” sobre as crianças, assim como uma nova concepção em torno das mesmas. Percebemos também o cenário que se delineava na sociedade paraibana, as ideias que se divulgava, com a justificativa da busca de uma efetiva transformação da sociedade, a partir de um discurso moral e higienista, mas que visava sobretudo conduzir a nação a tão desejada civilidade.

2.1 Breves apontamentos sobre o conceito de infâncias e de crianças

De acordo com Nascimento (2001) e Kuhlmann Jr. (2004), precisamos refletir sobre os conceitos de infâncias e de crianças nas pesquisas de História da Educação, pois esses conceitos sofrem mudanças e possuem diversas definições. Essa ambiguidade ocorre pois não há um sentido unidirecional sobre esses conceitos. Conforme Kuhlmann Jr. (2004, p. 31): “[...] é preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras da história[...] o significado de infância de torna imediatamente abstrato[...]”.

Assim as concepções de crianças e de infâncias mostraram-se dinâmicas ao longo do tempo e não pode ser pensada apenas como uma fase biológica. Segundo Lopes e Galvão (2005), estão atreladas a uma construção histórica, cultural, cívica e até jurídica. Logo se atualmente identificamos o conceito de criança e de infância com o conceito de sujeito de direitos, essa construção foi reflexo das políticas de valorização da infância ocorridas no país no final do século XX e início do século XXI.

Porém essa não era a noção desses conceitos nas décadas de 1930 e 1920, o conceito de criança era definido a partir dos significados de inocência, pureza e futuro. Dessa forma seria importante educar as crianças, pois elas seriam o “futuro da nação”, seriam a base construção de uma sociedade “melhor”, mais “moderna” e mais “evoluída”.

Kuhlmann Jr. (2004) destaca que foi com o advento da modernidade que se acentuou a diferenciação entre o mundo do adulto e o mundo da criança, intermediada pela distinção entre espaço público e o privado. Para tal ele utiliza Ariès e relaciona essa mudança de concepção e atitudes dos adultos frente as crianças com a organização da família nuclear burguesa e da escola moderna, como espaços privado e público de relações sociais na Europa. A delimitação da fronteira entre o público e o privado atribuiu aos pais responsabilidade com a prole. Criou-se então no interior das famílias burguesas, a dependência social da criança e a necessidade de instruí-la. Assim para essa modificação a escola moderna e a necessidade de instrução também foram importantes na delimitação desses conceitos. Nascimento (2001, p.146) utiliza Dornelles para ressaltar que o conceito de criança e de infância “Foi associada a uma série de práticas no que diz respeito à vida e ao cuidado das crianças, tornando-as cada vez mais dependentes dos adultos.”

Nas primeiras décadas do século XX ocorreu a uma intensificação de criação de espaços para a educação das crianças pequenas no Brasil. Na forma principalmente de Jardins da Infância ou da Criança, esses espaços se tornaram fundamentais para a educação da primeira infância e foram difundidos em todo o território nacional⁷. Na Paraíba, o primeiro Jardim de Infância, de acordo com Lima (2011) e Romão (2019) foi inaugurado em 1932, sendo ele particular e descrito descrito como “curso modelo” nas propagandas de jornais. O segundo jardim de infância, ou jardim de Infância oficial, funcionou no Grupo Escolar Tomas Mindello, esses dois jardins de infância coexistiam na Paraíba com a direção de Alice de Azevedo Monteiro. A proliferação de jardins pelo estado da Paraíba na década de 1930 foi bastante grande, para Lima (2011, p. 10):

[...] alcançando ao ano de 1939, a capital paraibana, estava constituída de 8 (oito) jardins de infância, sendo 6 (seis) públicos (mantidos unicamente pelo Estado), e 2 (dois) particulares (sendo um promovido por uma instituição confessional e outro por iniciativa privada de uma professora).

Especificamente sobre os métodos e as ideias que alicerçaram esses jardins de infâncias, Lima (2011, p. 13, grifo nosso) destaca que:

⁷ O Brasil, no final do século XIX quando os primeiros Jardins de Infância foram implantados, ainda era um país escravocrata e com o regime monárquico, houve uma importante ligação entre a criação dessa educação com a instrução para o controle social das pessoas. No Rio de Janeiro foi inaugurado o primeiro Jardim de Infância privado em 1875 e dois anos depois fundou-se um em São Paulo. (ROMÃO, 2019).

A implantação dos jardins de infância a partir de 1932, na cidade da Parahyba, atual João Pessoa, constituiu o novo espaço escolar da cidade, **criado à luz do ideário escolanovista** e das reformas propostas para aquele momento histórico. A sua instalação foi resultante das aspirações culturais das lideranças políticas e de alguns intelectuais e educadores.

Para que essa difusão ocorresse foi fundamental a circulação de ideias sobre a educação da primeira infância e os modelos de Jardins de Infância. Um exemplo foi a realização de Congressos e Encontros, Kuhlmann Jr. (2002) cita a importância do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CPBI) que aconteceu em conjunto com o 3º Congresso Americano da Criança (CAC), no estado do Rio de Janeiro, de 27 de agosto a cinco de setembro de 1922. As palestras proferidas no congresso, segundo Kuhlmann Jr. (2002) encontramos uma rica gama de fontes que podem trazer indicações de como estavam sendo tratadas as questões relacionadas a educação. Um trecho nos chamou atenção:

Na lista dos membros, no CBPI, uma primeira categoria é a dos honorários, expressão que além de uma certa formalidade, indica os receptores privilegiados das demandas oriundas da reunião, envolvendo Executivo, Legislativo, União, Estados e o município sede do encontro. O presidente de honra era o presidente da República, Epitácio Pessoa⁸. (KUHLMANN JR., 2002, p. 463).

O patrocínio de Epitácio Pessoa ao Congresso foi destacado por Kuhlmann Jr. (2002). Segundo o autor esse patrocínio ajudou a disseminar a imagem de Epitácio Pessoa como “apóstolo da assistência à infância brasileira” e como “estadista moderno”. (KUHLMANN JR., 2002, p. 469). Essa imagem foi importante para o intelectual e o conferiu um papel central na história.

Nos estudos realizados por Kuhlmann Jr. (2002, p. 463), ele identificou que nas propostas para as instituições de educação da primeira infância houve a “[...] articulação

⁸ Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa, nasceu em Umbuzeiro no dia 23 de maio de 1865, faleceu em Petrópolis em 13 de fevereiro de 1942. Durante sua atuação na vida pública exerceu vários cargos, entre eles: magistrado, diplomata, professor universitário, jurista brasileiro e Presidente da República entre os anos de 1919 e 1922. O período de governo foi marcado por revoltas militares que acabariam na Revolução de 1930, a qual levou Getúlio Vargas ao governo central.

de interesses jurídicos, empresariais, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos em torno de três influências básicas: a jurídica - policial, a médico-higienista e a religiosa”. Nesse sentido é possível compreender a maneira como vários setores da sociedade se ocupavam com os assuntos relacionados a educação.

A proteção à infância é o motor que a partir do final do século XIX, impulsiona em todo mundo ocidental a criação de uma série de associações e instituições para cuidar da criança, sob diferentes aspectos: da sua saúde e sobrevivência. (KUHLMANN JR., 2002, p. 464).

Para que essa difusão ocorresse foi fundamental a circulação de ideias sobre a educação da primeira infância e os modelos de Jardins de Infância. Um exemplo foi a realização de Congressos e Encontros, Kuhlmann Jr. (2002) cita a importância do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CPBI) que aconteceu em conjunto com o 3º Congresso Americano da Criança (CAC), no estado do Rio de Janeiro, de 27 de agosto a cinco de setembro de 1922. As palestras proferidas no congresso, segundo Kuhlmann Jr. (2002) encontramos uma rica gama de fontes que podem trazer indicações de como estavam sendo tratadas as questões relacionadas a educação. Um trecho nos chamou atenção:

Na lista dos membros, no CBPI, uma primeira categoria é a dos honorários, expressão que além de uma certa formalidade, indica os receptores privilegiados das demandas oriundas da reunião, envolvendo Executivo, Legislativo, União, Estados e o município sede do encontro. O presidente de honra era o presidente da República, Epitácio Pessoa⁹. (KUHLMANN JR., 2002, p. 463).

O patrocínio de Epitácio Pessoa ao Congresso foi destacado por Kuhlmann Jr. (2002). Segundo o autor esse patrocínio ajudou a disseminar a imagem de Epitácio Pessoa como “apóstolo da assistência à infância brasileira” e como “estadista moderno”.

⁹ Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa, nasceu em Umbuzeiro no dia 23 de maio de 1865, faleceu em Petrópolis em 13 de fevereiro de 1942. Durante sua atuação na vida pública exerceu vários cargos, entre eles: magistrado, diplomata, professor universitário, jurista brasileiro e Presidente da República entre os anos de 1919 e 1922. O período de governo foi marcado por revoltas militares que acabariam na Revolução de 1930, a qual levou Getúlio Vargas ao governo central.

(KUHLMANN JR., 2002, p. 469). Essa imagem foi importante para o intelectual e o conferiu um papel central na história.

Nos estudos realizados por Kuhlmann Jr. (2002, p. 463), ele identificou que nas propostas para as instituições de educação da primeira infância houve a “[...] articulação de interesses jurídicos, empresariais, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos em torno de três influências básicas: a jurídica - policial, a médico-higienista e a religiosa”. Nesse sentido é possível compreender a maneira como vários setores da sociedade se ocupavam com os assuntos relacionados a educação.

A proteção à infância é o motor que a partir do final do século XIX, impulsiona em todo mundo ocidental a criação de uma série de associações e instituições para cuidar da criança, sob diferentes aspectos: da sua saúde e sobrevivência. (KUHLMANN JR., 2002, p. 464).

Desse modo, a educação assumia um papel de destaque na sociedade da época. Para se tornar “moderna” fazia-se necessário à difusão da educação e da instrução desde a menor idade. Kuhlmann Jr. (2002, p. 465) diz que “pelo que é e pelo que deixa de ser, pelo que significa e pelo que produz - aparece como um fator estruturante da sociedade ‘moderna’.”. Os discursos sobre a infância e a criança, assim como a educação que lhes seria dispensada, contribuía para a formação de uma “base ideológica” sobre a construção da “sociedade moderna”. Kuhlmann Jr. (2002) se embasa em Hobsbawm para demonstrar como ocorreu uma circulação de ideias sobre a educação e a instrução no mundo, gerando um modelo de referência para as diversas instituições. Essas instituições de educação eram centrais para tornar os Estados modernos, ou seja, seria a partir da difusão da educação para todas as idades que seria possível tornar uma “nação avançada”.

O CBPI portanto, objetivava colocar em evidência todos os assuntos relacionados a infância, os cuidados necessários com a mesma e seus sujeitos (as crianças), estas seriam as “responsáveis” pelo “futuro da nação”.

Era preciso tratar de todos os assuntos que se referiam à criança, tanto do ponto de vista social, médico, pedagógico e higiênico em geral, como particularmente em suas relações com a família, a sociedade e o Estado. (KUHLMANN JR., 2002, p. 465).

Os cuidados dispensados à primeira infância eram representados como indispensáveis para o desenvolvimento e sucesso da nação moderna. Assim o conceito de criança e de infância era ligado ao conceito de futuro, ou seja, seria educando as crianças que se teria no futuro bons cidadãos.

Durante a realização do CBPI, a educação ganhou espaço privilegiado, existiam várias propostas para a infância, a seção de Pedagogia foi uma das mais concorridas em número de trabalhos e inscritos.¹⁰ A influência norte-americana foi notória de acordo com Kuhlmann Jr. (2002, p. 467), os Estados Unidos buscavam “[...] a hegemonia sobre os países do continente americano com a Doutrina Monroe e eram vistos como o modelo referencial de nação colonizada que trilha o caminho do progresso.” Dessa forma, ressalta Kuhlmann Jr. (2002) que o escolanovismo norte-americano e o brasileiro, possuíam como ligação algumas concepções de John Dewey, como a que dizia ser a educação a única forma efetiva para a construção de uma sociedade mais democrática e moderna. Como destacam Santos, Prestes e Vale (2006, p.135):

Cada um dos ideários escolanovistas tem de ser compreendido a partir da situação social e econômica em que foi gerado. No Brasil havia vontade, fazia tempo, de acelerar a industrialização. E já corriam rápidas as transformações que exigiam uma escola preparada para o “novo”, para a vida industrial.

Kuhlmann Jr. (2002, p. 467) destaca que o próprio nome do Congresso, americano, demonstra a presença dessa circulação de ideias no campo da infância, além de:

A evidência mais relevante, do americanismo foi a decisão tomada no encerramento do Congresso, de estabelecer a comemoração do Dia da Criança em 12 de outubro, data da chegada de Colombo ao novo continente.

A difusão de espaços para a educação da primeira infância e a obrigatoriedade do ensino primário, além da sua universalização seriam fundamentais para transformar o Brasil em um país “desenvolvido”. O modelo de “nação desenvolvida” encontrado no

¹⁰ No Segundo Império, D. Pedro II, viajou aos Estados Unidos para junto com o presidente da época Grant, inaugurou a exposição da Filadélfia de 1876, esse ato deixa explícito a mudança de influência até então europeias, centradas principalmente na França e Inglaterra para a norte-americana.

CBPI era sobretudo moldado no exemplo dos Estados Unidos (KULMANN JR., 2002 p. 467).

Para uma sociedade se tornar “moderna”, seria importante também o combate ao analfabetismo, assim como também, o repúdio ao preconceito contra a infância, para tal era imprescindível desenvolver outra visão em relação a essa fase da vida. Para o combate ao analfabetismo no Brasil “[...] fazia-se necessário um saneamento físico e moral” (KULMANN JR., 2002, p. 470).

Havia nesse momento uma preocupação no Brasil, que era a de implantar uma “política salvacionista”, tendo como base a campanha de saneamento, o combate ao analfabetismo e pauperismo, a partir dessa concepção para a educação, “[...] era possível construir uma nacionalidade mais sã, mais vigorosa, mais inteligente, a preservação dos males e sociais e políticos que ameaçam nosso povo” (KUHLMANN JR., 2002, p. 470). Proteção à infância era o centro para o discurso dos “tempos modernos”, assim “[...] a infância desvalida ou moral e materialmente abandonada”, seria a base de todo o sistema de assistência dos “Estados modernos”. (KUHLMANN JR., 2002, p. 471).

As mudanças ocorridas no campo produtivo da sociedade traziam também a necessidade de uma estruturação nas instituições e políticas sociais (KUHLMANN JR., 2002). Na sociedade brasileira, por um lado se desejava a preservação das relações de subalternidade e, concomitantemente, havia o desejo de se moldar a Nação a partir de princípios científicos. Assim as crianças eram representadas como “futuro da nação”, e deveriam ser pensadas a partir dos “novos padrões impostos” que possuíam como exemplo as Nações ditas de primeiro mundo. “A saúde e a educação se entrelaçavam nas propostas de tal modo, que se tornam mutuamente subordinadas no propósito de construir as bases da nação moderna e ordeira” (KUHLMANN JR., 2002, p. 474).

As instituições escolares deveriam ser o ambiente propício para se praticar os modelos de civilização e de higiene através da instrução. As crianças precisavam se submeter a uma educação rígida desde a primeira infância, tanto em relação a sua saúde física como as intelectuais e as morais. Essa educação deveria funcionar como “sanatório” para tratar do corpo e da alma (KUHLMANN JR., 2002, p. 475). Nessa perspectiva caberia ao professor exercer um papel de fundamental importância nesse processo educacional, caberia a ele por sua vez, despertar e desenvolver na criança a imaginação, “[...] o ensino deve seguir um novo rumo de acordo com os ditames da pedagogia

científica desenvolvendo harmonicamente, toda a personalidade psíquica dos futuros cidadãos brasileiros”. (KUHLMANN JR., 2002).

Para pensar a “infância moderna”, os intelectuais e os professores da época se apoiaram nos estudos de sobre a infância e as crianças em alguns teórico como Maria Montessori¹¹, Froebel¹² e Dewey¹³. Dessa forma, se procurou desenvolver métodos para a educação da primeira infância, muito desses métodos eram fundamentados no escolanovismo e segundo Kuhlmann Jr. (2002, 479) “[...] os métodos educativos teriam duas leis fundamentais: o fortalecimento de cada faculdade em particular, com a criação de hábitos e paralelamente obter o progresso das potencias mentais.”.

Nas décadas iniciais do século XX, a criança era percebida como um ser incompleto, inacabado e vulnerável à corrupção da sociedade, por isso precisava de espaços específicos para isolar a infância: jardins, parques... escolas. Assim percebemos a criação de concepções teóricas sobre a infância e como ensinar as crianças. Além da importância fundamental da instrução da criança para o desenvolvimento da nação. No próximo tópico trabalhamos com as ideias escolanovistas.

2.2 O escolanovismo na Paraíba: contexto histórico, social e cultural da década de 1930

Na Paraíba, segundo Kulesza (2016), as iniciativas de reforma educacional tomadas nos anos 1920 do século XX tinham como objetivo a substituição de uma

¹¹ Maria Tecla Artemisia Montessori foi uma educadora, médica e pedagoga italiana. É conhecida pelo método educativo que desenvolveu e que ainda é usado hoje em escolas públicas e privadas mundo afora. Nasceu em 31 de agosto de 1870, Itália e faleceu em 6 de maio de 1952. Disponível em em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Montessori>.

¹²Nascido na Alemanha Friedrich Froebel foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas - ideia hoje consagrada pela psicologia, ciência da qual foi precursor. Fundou o primeiro Kindergarten, ou Jardim de Infância. Nasceu em 21 de abril de 1782 e faleceu em 21 de junho de 1852. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/96/friedrich-froebel-o-formador-das-criancas-pequenas?>>>.

¹³ John Dewey (Burlington, Vermont, 20 de outubro de 1859 - 1 de junho de 1952) foi um filósofo e pedagogista norte-americano. Dewey foi um dos principais representantes da corrente pragmatista inicialmente desenvolvida por Charles Sanders Peirce, Josiah Royce e William James. Ele também escreveu extensivamente sobre pedagogia, onde é uma referência no campo da educação moderna. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dewey>.

economia agrária por outra baseada na industrialização. Para tal, foram realizadas pela Aliança Liberal diversas ações em prol da educação popular.

a história dessas iniciativas na paraíba no período getulista nos parece instigante para a compreensão da influência das relações entre o poder central e a sociedade local na determinação da política educacional efetivamente adotada num estado pouco afetado em sua estrutura produtiva pelo movimento revolucionário e que manteria praticamente intacta a estrutura de poder oligárquica herdada da república velha. (KULESZA, 2016, p. 01).

As reformas educacionais ocorridas na Paraíba nesse período possuíam como eixo estruturante as ideias escolanovistas e eram inspiradas nas reformas que foram realizadas nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo. Além das reformas educacionais, o governo também agenciava ações para a formação de professores, como viagens pedagógicas para os estados supracitados. Além disso, foi projetado e criado na capital da Paraíba um instituto de educação nos mesmos moldes daquele organizado no Distrito federal por Anísio Teixeira.

Claramente inspiradas nas reformas escolanovistas realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, inclusive com a promoção de visitas financiadas pelo governo paraibano, essas ações se concentraram na formação de professores, projetando inclusive a criação de um instituto de Educação concebido nos moldes daquele organizado no Distrito Federal por Anísio Teixeira. (KULESZA, 2016, p. 01).

Para Carvalho (2002, p. 02): “[...] a junção num mesmo local do curso normal e seus anexos: o Curso Complementar, a Escola de Aplicação e o Jardim de Infância, demonstra uma preocupação com a formação de professores [...]”. Esse instituto possuía como base o ensino empírico em contraponto ao majoritariamente teórico, a *Revista do Ensino* foi um meio propagador das ideias desse instituto, inclusive o seu projeto arquitetônico foi ilustrado na capa de três edições do referido periódico, a saber as Revistas de volume IX, X, XI e XII.



I. Revista do Ensino IX



J. Revista do Ensino X



K. Revista do Ensino XI



L. Revista do Ensino XII

Figura 1 Capas da *Revista do Ensino* da Paraíba

A Revolução de 1930, assim como os seus desdobramentos, foi sentida no estado da Paraíba, como destaca Kulesza (2016), havia um entrelaçamento entre o nacional, o regional e o local, assim a sociedade ensaiava mudanças levadas por transformações sociais em curso. No corpo dessas mudanças, a educação tornou-se o centro. Essas mudanças podem ser percebidas mesmo antes de 1930, Espindola (2012, p. 44) tratando da Primeira República diz que a “[...] educação foi percebida como meio de construção da nação e caberia ao poder público a responsabilidade de promovê-la, dirigi-la e fiscalizá-la.” E aqui podemos trazer a importância da criação de locais para a educação

das crianças pequenas: os jardins de infância. Educar essas crianças pequenas seria a longo prazo desenvolver a pátria.

Nessas reformas ocorridas na educação dois nomes se destacavam: Alice de Azevedo Monteiro na criação dos Jardins de Infância e na propagação das suas ideias (ROMÃO, 2019); José Baptista de Mello, que teve um papel central na Reforma do Ensino na Paraíba, foi representante dos professores primários nos órgãos dirigentes do ensino público, sua gestão foi marcada pela difusão das ideias escolanovistas na Paraíba. (KULESZA, 2016). Tanto Mello quanto Monteiro tiveram um papel de destaque na *Revista do Ensino* da Paraíba.

Depois da vitória do movimento revolucionário, com a posse de Getúlio Vargas na presidência do Brasil e de Antenor Navarro como interventor da Paraíba, estavam dadas as condições objetivas para a reformulação do ensino paraibano”. (KULESZA, 2016, p. 04).

Outra referência importante para o governo paraibano era o estado vizinho Pernambuco. Em Recife, A reforma do ensino primário foi realizada nos moldes escolanovista e teve como expoente Carneiro Leão¹⁴. O governo de Antenor Navarro criou uma comissão de professores e enviou para Pernambuco. Essa comissão trouxe para Paraíba a realização de “Semanas pedagógicas”, nas quais se buscava avaliar como estava o ensino. Recife era um modelo de ensino, pois já havia implantado algumas mudanças propostas nacionalmente.

O “projeto de modernidade” do Brasil possuía como central a educação (KULESZA, 2016), apenas com ela seria possível colocar esse projeto em prática. Para Romão (2019, p. 39): “Nesse período, era difundida a ideia que as crianças seria os cidadãos do futuro e que a pátria só alcançaria o patamar das nações ditas desenvolvidas caso a educação se iniciasse bem cedo.”. E foi nesse cenário que foi criado na Paraíba o periódico trimestral *Revista do Ensino* foi criada:

¹⁴ Carneiro Leão, nasceu em Recife no dia 02 de julho de 1887 e faleceu no dia 31 de outubro de 1966 aos 79 anos no Rio de Janeiro. Filho de Antônio Carlos Carneiro Leão e Elvira Cavalcanti de Arruda Câmara Carneiro Leão. Formado em direito pela Faculdade do Recife em 1911, tornou-se professor universitário nesta mesma entidade, lecionando até 1914. Idealizou e dirigiu o Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas, entidade vinculada à então denominada Universidade do Brasil. Exerceu ainda inúmeras outras funções no magistério superior no Brasil, atuou também como professor-visitante em instituições dos Estados Unidos, França, Uruguai e Argentina.

Para manter vivo o espírito da reforma durante todo o ano letivo e para atingir também o interior do estado, criou-se, para ser distribuído nas escolas, um periódico trimensal, a Revista do Ensino, nos moldes de suas congêneres de outros estados. (KULESZA, 2016, p. 05).

José Baptista de Mello também incentivou a criação de “instituições auxiliares de ensino” para a disseminação e renovação do ensino, como por exemplo: bibliotecas, círculos de pais e mestres, caixas escolares, jardins de infância, cruzadas de saúde, clubes agrícolas, etc., manifestações concretas da ânsia renovadora que animava o ensino. Segundo Kulesza (2016, p. 06), essas foram as circunstâncias mais importantes para a disseminação e adoção do “[...] credo escolanovista pelas autoridades educacionais nos primeiros anos da década de 1930, na estruturação e funcionamento do ensino [...]”. Consideramos a palavra “credo” muito bem aplicada nesse sentido, pois ocorreu uma disseminação das ideias da Escola Nova como salvacionistas da educação nacional e conseqüentemente da nação.

Para essa disseminação, ocorreu na Escola Normal do Rio de Janeiro a “[...] reorganização do curso de formação para o magistério integrava o conjunto de ações promovidas por Fernando de Azevedo na reformulação da instrução pública do Distrito Federal iniciada em 1927.” (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 46). Um ano depois foi incluída a disciplina História da Educação no currículo:

A disciplina surgia no contexto das reformas que, nos anos 1920, pretendiam modificar a educação nacional, introduzindo princípios da escola ativa, posteriormente aglutinados em torno do ideal da escola nova no ensino primário, e elevando o preparo docente pela ampliação e especialização do curso normal. (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 46-47).

Os autores destacam que um dos primeiros professores a ministrar essa disciplina foi Júlio Afrânio Peixoto, autor do “[...] primeiro manual didático brasileiro sobre História da Educação, publicado em 1933 pela Biblioteca Pedagógica Brasileira, na série atualidades pedagógicas[...]” (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 47). Essa obra tinha 265 páginas, das quais 54 eram dedicadas à educação nacional e as outras traziam assuntos variados (VIDAL; FARIA FILHO, 2003). Na sessão destinada a Escola Nova, Peixoto defendia que a “[...] escola nova era apresentada como a possibilidade de reparação desse

passado educacional de abandono e escassez de iniciativas no que concerne especialmente à instrução popular”. (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 48).

Essa vertente inaugura, segundo Vidal e Faria Filho (2003), uma forma de se narrar a História da Educação no Brasil, a qual colocou o movimento escolanovista como uma forma de melhoria ou mesmo de salvação da educação nacional. Ou seja, foi criado um lugar de defesa da educação, esse local era “personificado” pela Escola Nova e seus defensores, o processo era percebido como um evolução das ideias pedagógicas no Brasil e no mundo, sendo permeado das discussões travadas nas ciências, especialmente pela sociologia, psicologia ciências e da medicina (principalmente a higiene) (VIDAL; FARIA FILHO, 2003).

Dentro dos nomes que figuraram nacionalmente ligados a divulgação da Escola Nova¹⁵, temos Lourenço Filho, o qual possuiu uma contribuição à instrução de crianças de zero a seis anos segundo (LARA; RAFAEL, 2011). De acordo com a análise das autoras, a atuação de Lourenço Filho, no campo educacional, estava vinculada as necessidades da sociedade da época:

Lourenço Filho considerava a educação pré-primária fundamental para o desenvolvimento das crianças e para a organização da Educação. Em seus artigos e livros, pode-se verificar as críticas e sugestões que fazia, tanto para integrá-las ao sistema escolar como para organizar os conteúdos que, para ele, deveriam ser dirigidos por professoras com devida formação. Naquele momento o Brasil discutia a organização de um Sistema Nacional de Ensino e algumas instâncias da sociedade discursavam sobre o que fazer com as crianças de 0 a 6 anos. (LARA; RAFAEL, 2011, p. 230).

Nesse sentido, para pensarmos os conceitos de infância e de criança, precisamos pensar como essas categorias sofreram mudanças ao longo do tempo. Assim, precisamos entender como ocorreram essas mudanças nos conceitos e nas relações, sobretudo nas

¹⁵ Segundo Espindola (2012, p. 62), em 1932 no contexto de reorganização política, foi lançado o **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, que “[...] teve como signatários 26 intelectuais, entre eles: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho e Cecília Meireles. Carvalho (1993, p. 12, grifo da autora) destaca que ‘A atuação desta geração de educadores tem sido o ponto de referência da historiografia educacional brasileira. Não é possível ignorar-lhe a importância. Notabilizaram-se enquanto grupo através do lançamento do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* em que firmaram sua defesa de um sistema único de ensino, e da escola pública, leiga e gratuita. Firmaram-se no mercado editorial através de obras próprias ou da organização de coleções, o que lhes possibilitou não somente fixar orientações doutrinárias no campo da pedagogia, como também difundir, largamente, interpretações sobre a história educacional brasileira e sobre o seu próprio papel nesta história’.”.

mudanças em se conceituar essa fase de vida e consequentemente os seus sujeitos. Essas concepções e (re)significações ocorreram através de rupturas, mas também de continuidades.

Nas décadas iniciais do século XX, ocorreu formulações de diversas legislações específicas para a infância. Segundo Rafael e Lara (2011), essas eram marcadas pelo higienismo, que procurava moldar os corpos dos professores e das crianças, assim como sua forma de agir. O ato de educar estava ligado ao ato de civilizar, manter a ordem e preparar para o trabalho eram centrais nessa perspectiva de instruir e educar, moldar principalmente os corpos dos mais pobres.

Tornar um país civilizado incluía civilizar a criança, em especial a criança pobre que era percebida como perigosa, sujeita ao crime e a vícios. Desta forma, o Estado assumiu a função de restaurar a ordem social, promovendo a assistência e incentivando a filantropia para as crianças. (LARA; RAFAEL, 2011, p. 231).

E foi nesse sentido que as autoras destacam a obra de Lourenço Filho. Nas décadas iniciais de 1900, ele publicou vários trabalhos com a temática pedagógica, destinados principalmente para as crianças. Nesses trabalhos, ele colocava em prática as pesquisas que realizou na área da psicologia. “[...] Ao falar sobre Educação, esta entendida como a solução para os problemas sociais da época, defendia uma Educação renovada, disponível a todos e de qualidade.”. (LARA; RAFAEL, 2011, p. 231).

Lourenço Filho publicou um manual para a disciplina a organização da Prática de Ensino nas escolas normais, na qual ressaltava que “além da higiene da matéria, era necessário a higiene mental, que deveria ser oferecida as crianças” (LARA; RAFAEL, 2011, p. 231). Assim como outros autores da época, Lourenço Filho relacionava as questões higienistas da época às pedagógicas.

As ideias educativas do referido teórico contemplavam a prática que deveria estar de acordo em vários aspectos. “O teórico tratado estava preocupado não apenas em educar todas as crianças, mas em como educá-las [...]” (LARA; RAFAEL, 2011, p. 231). Para isso, tratou de assuntos relativos à metodologia de ensino e também em relação ao ambiente escolar. Rafael e Lara (2011) destacam que além de pensar as crianças na escola primária, Lourenço Filho também se voltou para outras idades, sempre relacionando a necessidade de educação, pois seria através dela que se poderia adaptar os futuros cidadãos de forma “material e moral” às necessidades sociais. Assim, para Lourenço

Filho a educação tinha uma grande contribuição nas transformações sociais e para que isso acontecesse de forma bem sucedida as crianças tinham um papel fundamental, pois caberia a elas o sucesso da nação.

No próximo capítulo, procuramos entender como essas questões estavam presente na *Revista do Ensino* da Paraíba.

3. AS PÁGINAS DAS REVISTAS DO ENSINO NA PARAÍBA: NAÇÃO, EDUCAÇÃO E ESCOLA NOVA

Este capítulo possui como objetivo apresentar o mapeamento realizado nos quinze exemplares da Revista do Ensino e as publicações que tratavam especificamente dos temas relacionados às crianças pequenas e a sua educação. Trabalhamos especificamente com os anos de 1932 a 1942 e as acepções sobre as crianças, infâncias, nação e progresso principalmente.

A concretização dessa pesquisa em que as Revistas do Ensino são nossas principais fontes, se deu principalmente pelo trabalho realizado pela a equipe de pesquisadoras que digitalizaram os quinze exemplares das edições originais da *Revista do Ensino*, encontrados na Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). De que de acordo com as pesquisadoras alguns exemplares se apresentavam em precário estado de conservação.

A *Revista do Ensino* da Paraíba foi criada como uma publicação trimestral¹⁶, produzida pela imprensa oficial e editada pela Diretoria de Ensino Primário. Seu idealizador foi José Baptista de Mello que foi também seu editor (RODRIGUES; SILVA, 2019; ROMÃO, 2019). É praticamente impossível falarmos da *Revista do Ensino* sem nos atermos a alguns movimentos que permearam os anos de circulação do periódico. A revista foi criada pelo **Decreto nº 287** de 18 de maio de 1932 e foi promulgada por Gatuliano da Costa Brito. Essa revista circulou entre os anos de 1932 a 1942 e, segundo Rodrigues e Silva (2019), era uma publicação mista que visava divulgar propagandas governamentais e formar os professores no período, permeada pelas ideias escolanovistas que circulavam no período.

Em se tratando do tema “educação”, a *Revista do Ensino* já foi alvo de diversas pesquisas com diferentes problematizações no campo da História da educação paraibana. Ao pesquisarmos os artigos publicados nesses periódicos nos foi possível verificar, a influência da Escola Nova e os princípios educativos que a mesma queria propagar, além

¹⁶ Romão (2019, p. 31), embasada no trabalho de Rodrigues e Silva (2019), destaca que apesar “[...] de ter sido pensada como um periódico trimestral, assim como outros periódicos da época, a Revista do Ensino não conseguiu manter a periodicidade. A revista tinha como objetivo ser “um veículo de propaganda governamental” e, também, ser uma revista com cunho didático metodológico”.

de tratar da formação do “novo professor”, que também deveria ser orientado pelo ideário escolanovista.

Mesmo considerando que a *Revista do Ensino* tenha sido pensada para atender algumas demandas do professorado paraibano, não deixou de tratar dos problemas que afligiam a educação nacionalmente. Daí a relevância desta publicação por falar do Brasil pela lupa da Paraíba a partir das matérias publicadas na *Revista do Ensino*. (PINHEIRO, 2019, p. 11).

A *Revista do Ensino* discorria ainda com publicações de estudos relacionados as questões higienistas, sobre educação de crianças “com deficiência” e sobre a educação das crianças pequenas, sendo este último tema, o foco dos nossos estudos/pesquisas. Ao examinarmos a revista, temos acesso não só ao panorama educacional, mas também, do sociocultural que envolviam a sociedade paraibana na década de 1930 e início de 1940.

De acordo com Lima (2011, p. 14): “O modelo didático pedagógico em voga naquela época seguia as tendências do ensino Ativo, e que na Paraíba ocorreu a penetração das ideias de Froebel, Decroly, Dewey e Montessori.” Assim, encontramos essas marcas nas revistas, a educação e consequentemente o modelo a ser estabelecido no estado da Paraíba, deveria passar por esse ideário. Nos próximos itens trabalhamos com essa concepção de que as crianças representavam o futuro da nação e seria por meio da sua educação, desde a menor idade, que se constituiria os futuros homens imbuídos de honra e de forte moralidade.

3.1 A *Revistas do Ensino*: breve mapeamento dos escritos sobre criança e infância

Como uma primeira aproximação à *Revista do Ensino*, nosso Grupo de Estudos da História da Infância na Paraíba¹⁷ realizou, além das leituras sobre a revista, um mapeamento sobre as matérias que se relacionavam a infância, vejamos o quadro abaixo:

¹⁷ Projeto da Professora Dra. Máira Lewtchuk Espindola (DHP/UFPB) que contou com a colaboração da Professora Dra. Amanda Sousa Galvínio (DEBAS/UFPB). Tinha como aluna bolsista Mariza Gomes da Silva e as alunas voluntárias Aureliane Regis Romão e Maria Suênia Guedes do Ó.

Mapeamento da temática sobre infância nas *Revistas do Ensino*

Número da Revista	Ano	Título	Autor	Páginas
I (1)	Abr/ 1932	Jardim de Infancia	Alice Azevedo	13 a 14
II (2)	Jul/ 1932	Brincar e Estudar	Alice Azevedo	47 a 48
III (3)	Set/ 1932	-Idade Escolar -Deveres do Estado para com a Criança	Dr. Severino Patrício Mário Gomes	53 a 54 61 a 65
IV (4e 5)	Mar/ 1933	Não Obtivemos Artigos Relacionados à Temática da Pesquisa		
V (6 e 7)	Set/ 1933	-Palavras da Diretora do “Jardim da Infancia” para a “Revista do Ensino” -Cruzada Infantil -Palestra Proferida Pela Jardineira da Escola de Aplicação.... Senhora Maria Perpedigna Cezar Galvão” de Alice de Azevedo.	Alice de Azevedo Mário Gomes; Alice de Azevedo;	27 a 32 39 a 45 51a53
VI (8 E 9)	Mar/ 1934	O Ensino de Cálculo no Jardim de Infancia	Alice de Azevedo	41 a 47
VII (10)	Jul/ 1934	-Lar e Escola	-Mário Gomes	25 a 28

		-Educação Infantil	-Mário Gomes	37 a 43
		-Inauguração do Jardim de Infância Anexo ao Grupo Tomaz Mindello		46 a 47
VIII (11)	Dez/ 1934	-Uma Contribuição para os Jardins de Infancia	Alice de Azevedo	25 a 30
		-Palestra de Alice Azevedo Monteiro	Alice Azevedo	45
VIX (12)	Maio/ 1936	-Foto		19
		-Foto		26
		-Foto do Jardim Santa Terezinha		35
		- Foto do Jardim Nossa Senhora de Lourdes		43
		-Foto do Jardim Isabel Maria das Neves		56
		- Foto Jardim de Infancia		62
X (13)	Set/ 1936	-Alice de Azevedo Monteiro		48
		- Secretaria Geral da Segunda Semana Pedagógica - Resumo dos Trabalhos		
		- Como Observar Nossas Crianças	Julita Ribeiro	51 a 52
XI (14)	1936	-Curso Modelo	Alice de Azevedo	15 a 16

		-3ª Semana Pedagógica		
XII (15)	1937	A Educação dos Parvulos e os Jardins de Infancia	Alice de Azevedo	23 a 25
XIII (16)	Ago/ 1938	Noção de Comportamento	Mário Gomes	31 a 33
XIV (17)	Abr/ 1942	-A Criança e o Educador	Silvia Pessoa	19 a 21
		- Jardins de Infancia	Alice de Azevedo	25 a 26
XV (18)	1942	- Educação Pré-Primária	Maria Leite	83 a 85
		-Os Brinquedos Educativos	Cooperativismo Escolar	93 A 95

Tabela 1 - Mapeamento. Elaborada em colaboração com o Grupo de Pesquisa do Prolicen

Na Revista do Ensino volume I, de abril de 1932 selecionamos dois artigos “O Ensino Moderno” do professor Matheus de Oliveira “Jardins de Infância” da professora Alice de Azevedo Monteiro.

Matheus de Oliveira (1932), um dos decanos da escola Normal da Paraíba como ele mesmo se autodenomina, apresentou em seu artigo como ocorreu o desenvolvimento da instrução no país, destacando “novos métodos e processos pedagógicos” que haviam sido inseridos e adaptados ao ensino do estado.

O autor discorreu acerca das mudanças que estavam sendo incorporadas no campo da educação, com base nas ideias propagadas pelo movimento da Escola Nova. Segundo Oliveira (1932, p. 07) o movimento escolanovista vinha crescendo e ganhando força em todo território nacional e que “Resta entretanto que se lhe não oppoham obstaculos capazes de annular os esforços dos professores esclarecidos que seguem as modernas tendencias de pedagogia.”.

Para o professor as ideias escolanovistas apresentavam-se como novidade e ao mesmo tempo, um grande desafio visto que, cabia aos professores propagar a partir de suas práticas educativas, as inovações trazidas pelos pioneiros. Ele reconhecia que se tratava de um momento em que a educação paraibana, apresentava uma espécie de guinada rumo ao “avanço” mas, deixa-nos claro a necessidade de se agir com uma certa

cautela, pois poderia haver um declínio súbito. Segundo as palavras do autor “[...] isto não é para admirar. Os nossos sociólogos já firmaram o conceito: no Brasil ha sempre que contar com a reviravolta.” (OLIVEIRA, 1932 p. 8). Assim, seria notório as vantagens trazidas com as “inovações do ensino moderno”, no entanto, seriam exigidos “extraordinários sacrifícios”, necessários porém, ao contexto educacional daquele momento.

Em seu artigo “Jardins de Infância”, a professora Alice de Azevedo Monteiro, ressaltou a importância da criação das escolas maternas ou Jardins de Infância, para preparar as crianças que iriam para as séries iniciais. De acordo com a autora, as jardineiras (professoras) seriam as responsáveis por nivelar o terreno, no qual os professores primários semeariam no futuro. Para Monteiro (1932), o que as crianças necessitavam receber nessa fase da vida o afeto e esse estava por sua vez intimamente ligado a obediência.

Ela defendia que era necessário habituar a criança a cumprir o seu dever, desde cedo, quanto mais cedo entrassem nas escolas maternas, mais fácil seria de serem disciplinadas. A autora destacou também o papel da professora pois, para ela, se a criança gostasse da sua professora, a imitaria nas atitudes e nos gestos, faria isso de forma prazerosa, realizando a autocorreção.

Na Revista do Ensino volume III de setembro de 1932, selecionamos dois artigos “Idade Escolar” do Dr. Severino Patrício e “Deveres do Estado para com a Criança” de Mario Gomes.

O texto de Severino Patricio (1932) versou sobre a necessidade de se zelar pela saúde física da criança, a boa alimentação seria a base para a nutrição. Outro ponto destacado pelo médico, era que a criança precisava frequentar os Jardins de Infância e as escolas maternas nas idades de cinco e seis anos, para ele nesses ambientes, não tinha a dureza das escolas comuns. Matricular crianças muito pequenas no ensino primário, ou seja, antes dos sete anos, seria um crime que se cometeria contra o futuro da raça. Em seu discurso deixou transparecer uma crítica ao estado, demonstrando um certo descontentamento, devido à falta de investimento para construção dos jardins de infância.

Mario Gomes (1932) iniciou escrevendo que já vinha tratando e expondo o assunto há um certo tempo, para tal ele usou a expressão “batendo nessa tecla”. O autor defendia que para o progresso de uma nação, dever-se-ia dar da assistência total a infância. Assim o autor enumerou todas as fases da vida da criança que se iniciava com

os pré-natais. O professor ressaltou ainda que todas as “potências mundiais” se envolveram nessas cruzadas pela atenção as crianças, tendo por aliada as ciências. Para ele o futuro das raças estava concentrado nas crianças, daí a necessidade, “[...] de observá-las com carinho e instruí-las com sabedoria” (GOMES, 1932, p. 63).

Gomes (1932) também apresentou as medidas voltadas para a infância de alguns países europeus, principalmente a União Soviética, e também da América, com destaque para Estados Unidos. Segundo o autor, esses países encontravam-se bem avançados em relação a preocupação de se manter a integridade física e psíquica da criança, inclusive garantindo esses direitos de acordo com a lei. No Brasil, Gomes (1932) colocou que estavam acontecendo alguns movimentos que tinham como base a ciência sobre a infância e destacou o pioneirismo de São Paulo e Rio de Janeiro, além de citar os feitos de Lourenço Filho.

Mario Gomes (1932, p. 64) afirmava que “[...] na Paraíba os modernos métodos não estavam sendo metodicamente aplicados, preponderando dessa forma a parte didática sobre a parte pedagógica.” Assim deveria ser responsabilidade do estado o interesse sobre a formação das gerações futuras, isso seria possível através da educação. Para ele era preciso preparar a criança desde o embrião, só assim se formaria uma raça moralmente e intelectualmente superior.

Na Revista do Ensino volume V, de setembro de 1933, foram destacados dois artigos “Palavras da Diretora do Jardim da Infância”, para a Revista do Ensino” de Maria Alice de Azevedo Monteiro e o artigo “Cruzada Infantil” de Mario Gomes.

Monteiro (1933) iniciou o texto falando sobre a existência de psicólogos, que se dedicavam a estudar a infância e a criança, citando como exemplo os estudos de Alfred Binet e Theodore Simon que influenciaram a pedagogia moderna. Para Monteiro (1932) era muito importante que os professores tivessem posse desses conhecimentos e dessa forma poderiam com mais facilidade classificar os alunos em classes de normais, supernormais e anormais. Com essa classificação era possível aos professores agruparem as crianças de acordo com o nível de aprendizagem. Para realizar esse trabalho, ela deixou claro que contou com a ajuda de médicos pediatras.

Monteiro (1933) realçou que em alguns países da Europa, havia o preparo de professoras para lecionar nas escolas maternas com estudos de Froebel, Montessori, Decroly, Dewey entre outros. Nesse artigo ela relatou a importância que teve para si sua estadia nos estados do Rio de Janeiro e do Distrito Federal para curso de formação. Essas

viagens foram proporcionadas por Solon de Lucena, era comum nessa época o envio desses profissionais para frequentar os jardins oficiais (ROMÃO, 2019). Na sua escrita, Monteiro (1933) relatou que não seria possível se adaptar ao estado paraibano tudo que vira no Distrito Federal.

A professora ainda tratou do aumento do número de crianças pequenas que se encontravam matriculadas nos jardins de infância da Paraíba e destacou que quando abriu o primeiro jardim de infância particular existiam apenas quatro crianças matriculadas e que naquele momento a Paraíba contava com noventa. Por fim, explicou que o material que ela utilizava foi fabricado por ela e reforça que para isso se aproximou das ideias de Montessori, Froebel, Decroly etc.

No artigo “Cruzada Infantil”, Mário Gomes (1933, p. 39) sugeriu que a partir dos seus escritos fosse realizada “[...] uma ação organizada capaz de salvar o país pelo aperfeiçoamento da raça.” Para que isso acontecesse, era necessário proteger o homem por meio da proteção direta à infância. Nesse sentido, seria realizada uma “cruzada de proteção, defesa e assistência infantil”. As bases da cruzada seriam lançadas no dia doze de outubro e tinha como objetivo reivindicar os direitos da criança. Seriam eles: 1º) Direito de paternidade; 2º) Direito a vida; 3º) Direito da saúde e do desenvolvimento integral; 4º) Direito à alegria e ao amor; 5º) Direito à terra, à água e ao ar e ao sol; 6º) “Direito a igualdade e a severidade; 7º) Direito de ser alguém; 8º) Direito da cultura; 9º) “Direito à consideração social; 10º) Direito de ser menino (GOMES, 1933).

Para Gomes (1933), a falta de pão, de vestido e de teto que a miséria produzia além de exploração prematura pelos pais e a clausura modelo escolar, ou seja, a falta de atividades bem dirigidas, seriam os maiores inimigos da alegria infantil. Em seu discurso Mário Gomes (1933) deixou claro que talvez se tratasse de um projeto demorado, mas a demora não se configuraria como um problema na medida que os planos estão sempre projetados para a posteridade.

Na Revista de Ensino volume VI de 1934, utilizamos o artigo: “O ensino do cálculo no jardim de infância” palestra proferida pela professora Alice Azevedo Monteiro.

Nesse artigo, Monteiro (1934a) explicou quais eram os métodos por ela utilizados para o ensino do cálculo. Ela iniciou sua exposição apresentando algumas peças idealizadas por ela e produzidas na Paraíba por operários paraibanos. Na sequência, a autora realiza referência a Revolução Francesa, que de acordo com o registro dela foi a

partir daquele momento que se começou a haver um maior interesse pelas questões pedagógicas. Monteiro (1934a) citou nomes como Mirabéau (com a criação do Liceu de ensino superior em Paris), Talleyrand (criação de escolas primárias), Condorcet (seriação). Na sequência falou sobre o método de Rosseau, Pestalozzi e Froebel, esse último por sua vez a quem ela chamou de mestre, foi o fundador do primeiro espaço destinado a educação das crianças pequeninas os *kindergarten*¹⁸.

Para Monteiro (1934a, p. 46), a criança seria moralmente o fruto do ambiente em que vive e caberia “[...] a jardineira observar e guiar, vigiando-a e cuidando-a carinhosamente, com constância e descrição sem se irritar jamais.” Por fim, a autora trouxe as contribuições de Montessori e a forma como utilizava seus métodos nas suas aulas práticas.

Na Revista do ensino volume VII de julho de 1934, utilizamos dois artigos “O lar e a escola contribuição para os círculos de pais e mestres” de Mário Gomes e “Inauguração do Jardim de Infância anexo ao grupo Dr. Tomaz Mindêlo” de Alice de Azevedo Monteiro.

Mário Gomes (1934) iniciou seu texto fazendo uma distinção entre: família, lar, sociedade, sociologia e escola, conceituando cada um. Para o autor, a escola e a família estariam unidas por laços insolúveis, sendo assim, a família poderia até se eximir de algumas responsabilidades com a escola, o contrário não poderia acontecer.

Durante a fase pré-escolar a educação das crianças ficava a cargo do próprio lar, caberia a escola portanto exercer o papel de controle e as famílias por sua vez, deveriam prestar contas. Para ele, a educação tinha como finalidade conduzir o indivíduo a perfeição, no entanto, essa teria que ser uma ação conjunta entre lar e escola, nesse sentido, a função educativa do lar precede o da escola.

De acordo com o professor, os pais precisavam aprender para poder guiar a educação da criança nos primeiros anos, seria nos círculos de pais e mestres onde os chefes de família receberiam tais conhecimentos. Nesses centros, os pais aprenderiam os modernos preceitos de higiene infantil e se inteirariam sobre as novas metodologias do ensino. Nessas reuniões entre os pais e os mestres deveriam sair medidas e sugestões de interesse do ensino.

¹⁸ Para mais informações ver Romão (2019).

Gomes (1934) colocou ainda que no cargo de inspetor, percebeu a dificuldade encontrada pelos mestres para convencer os pais na adoção dos métodos da escola nova. Ele enfatizou que a escola nova seria “[...] senhora de um processo de educação progressiva e a assiduidade era um dos fatores mais importantes para o êxito da pedagogia moderna.” (GOMES, 1934, p. 28).

Alice de Azevedo Monteiro (1934) iniciou discorrendo acerca da inauguração do jardim de infância anexo ao grupo escolar “Dr. Tomaz Mindelo”, que ocorreu no dia dois de junho de 1934. Ela explicou que este acontecimento era uma aspiração sua antiga e que se tratava do primeiro do gênero a se instalar na capital paraibana, sendo de caráter público. Para a professora, sem a instalação dos jardins de infância era incompleta a adoção dos modernos preceitos de ensino, todos com base na psicologia experimental e equipado de acordo com as exigências, obedecendo inclusive a todos os requisitos de higiene.

Na Revista Volume X de 1936 trabalhamos o artigo de Julita Ribeiro intitulado “Como observar nossas crianças”.

Ribeiro (1936) discorreu inicialmente sobre a importância de todo professor observar as crianças, para ela, a observação adequada faria com que fossem percebidas as diferenças entre uma criança e outra tanto no que se referia a parte física quanto comportamental. Ela acreditava que, ao conhecer as especificidades de cada criança, seria mais fácil de conduzir a instrução adequada. Nesse caso ela sugeria uma espécie de sondagem sobre a vida da criança, o meio em que viviam, costumes paternos, o estado de saúde, a pobreza, etc. Ela afirmava que esses fatores podiam produzir variações da ordem física, moral e intelectual.

Para Ribeiro (1936), a observação era algo muito importante e para comprovar a importância, a autora citou o exemplo dos norte-americanos que até ministravam cursos na arte de observar. Ela enfatizou que só conhecendo o aluno seria possível educá-lo. Nesse sentido, o professor deveria observar a criança em todos os espaços ocupados por ela ou seja, em casa, nas ruas, nas oficinas, no comportamento, nos jogos. Para Ribeiro (1936, p. 50) “[...] com o resultado das observações, sabia e prudentemente concorrerá o professor para a formação de homens capazes de elevar a família, a sociedade e a pátria”.

Na Revista Volume XIV de abril de 1942, utilizamos o artigo “A Criança e o Educador” de Silvia Pessoa.

Pessoa (1942, p. 19 - grifo da autora). iniciou declarando que: “A CRIANÇA é, nos dias presentes, a menina dos olhos da Nação, o ponto de convergência de todas as atenções, de todas as forças vitais do país.” Em sua fala ressaltou ainda que era preciso promover a assistência à criança em todos os aspectos do físico ao moral, só assim, ainda jovem, desenvolveria virtudes como justiça, liberdade, dignidade, amor pelo engrandecimento da pátria, além de formar no coração o caráter e a consciência nacional.

Para ela a responsabilidade de construir a formação e personalidade desse sujeito estava nas mãos do professor e para tal esse professor deveria estudar a psicologia da criança, a psicologia educacional, a biologia, a filosofia da educação, pedagogia e sociologia. Pessoa (1942) defendia que quanto mais culto era o educador, mais fácil seria de desvendar a natureza da criança, para tal era necessário que o educador, mãe ou professor, corrigisse a indisciplina por parte da criança para que pudesse se moldar o seu caráter e o transformando em um futuro cidadão que deveria ser temente a Deus. Para a autora, Deus era a base de todo conhecimento e Jesus o primeiro mestre.

Pessoa (1942) ainda colocava que a escola nova é a escola de ação de expansão e liberdade de acordo com ela, com seus “limites devidos” pois, não via com bons olhos a liberdade sem controle. Para a autora, a criança havia mudado e para atender as necessidades educacionais dessa nova criança era necessário se valer dos novos métodos da pedagogia moderna juntamente com a pedagogia da educação. Seu discurso estava visivelmente pautado em desenvolver nas crianças, a regeneração dos costumes, para bem servir a pátria.

3.2 Nação e escola nova: a infância representada nas páginas da *Revista do Ensino*

Pensar sobre a criança e a infância, nos remete quase que necessariamente a analisar como o entendimento e as concepções sobre esse fenômeno que é ao mesmo tempo biológico e sócio-histórico, foram se transmutando e ganhando “novos sentidos” e “significados” na medida, que iam sendo moldados de acordo com as necessidades do contexto histórico pelo qual passa determinada sociedade. É nessa perspectiva que Azevedo (2011, p. 137), nos chama a atenção:

[...] para que o pesquisador possa compreender os diferentes sentidos veiculados sobre as infâncias e o lugar social que a criança ocupou nas esferas pública e privada, em cada período da história da educação no

Brasil, seu olhar deve estar vinculado às relações sociais, pois as concepções de educação e de infância são uma produção cultural, social e histórica.

A partir do século XX ocorreu uma série de mudanças nos regimes políticos que afetaram o mundo de uma maneira geral, atrelada a essas mudanças, as crianças passaram a receber um olhar “privilegiado” sendo formuladas para elas formas de ensinar, de cuidar e de assistência, pois elas seriam o futuro da nação. Segundo Espindola (2012, p. 44) nesse período “[...] a educação foi percebida como meio de construção da nação e caberia ao poder público a responsabilidade de promovê-la, dirigi-la e fiscalizá-la.” Como nos chama atenção Romão (2019, p. 22,): “Os jardins de infância assumiram esse discurso sobre a infância, assim formar as crianças serviria de desenvolvimento da pátria através de uma formação do indivíduo”.

Nas páginas da *Revista do Ensino*, encontramos a existência dessa preocupação, em torno do desenvolvimento infantil, como afirmou Alice de Azevedo Monteiro (1932, p. 13) “[...] nenhuma terra se poderia vangloriar de possuir um aparelhamento completo de instrução se não possuir escolas maternas.”. Na concepção da autora, essas escolas seriam o primeiro e mais importante passo, para a formação do indivíduo, e uma espécie de prevenção para problemas futuros. A ligação entre o desenvolvimento sadio das crianças e a melhoria da raça ou o progresso da nação foi discutida em diversos artigos das revistas. Para Pessoa (1942, p. 19): “Proteger-se-lhe a saúde, ministra-se-lhe a educação e a instrução, de par com a arte e o desenvolvimento físico, para a regeneração da raça.” E para Gomes (1933, p. 39). “Responderemos com a ação, organizando uma instituição de assistência social, única capaz de salvar o país de uma derrocada futura, pelo aperfeiçoamento da raça.” Dessa forma, percebemos que os autores se preocupavam com as crianças, mas essa preocupação era decorrente do que elas representariam no futuro enquanto cidadãos capazes de trazer o “progresso” da nação brasileira.

Sousa e Rodrigues (2019, p. 157) relatam que esse era recorrente nas concepções de educação da época e que eram

[...] precedidos pelo ideário escolanovista, na centralidade do processo pedagógico, afirmando o aluno como sujeito da educação e atribuindo uma decisiva importância a atividade da criança, às suas necessidades e a tudo que interessa: à sua curiosidade e à sua sensibilidade, fatores fundamentais do seu desenvolvimento mental e moral.

Ao tratarmos da *Revista do Ensino* e do papel realizado por ela frente as mudanças que ocorriam no sistema educacional da época, nos remetemos aos seus autores e de como eles prescreviam para os responsáveis os meios de se portarem e de conduzirem a instrução de suas crianças. Essas recomendações eram frequentemente em virtudes como “moral” e “civildade”. Nas palavras do professor Matheus de Oliveira (1932, p. 07), essas eram tidas como novidades e eram recebidas:

vejo satisfeito e animado das mais fortes esperanças, que a instrucção hodierna moldada nas praticas mais perfeitas arrancará com esplendido resultado o nosso povo dos tremendais e superficial para a aquisição segura de conhecimentos vantajosos suficientes e bem alicerçados, que melhor hão de preparar a mentalidade dos trabalhadores do Brasil de amanhã.

Assim seria com base na adoção de hábitos mais adequados, no que se refere aos modos e aos costumes além da higienização em se tratando da saúde, que a instrução adequada conduziria a formação de futuros cidadãos e a um melhoramento da raça. Nesse cenário disseminavam-se teorias que giravam principalmente em torno da educação das crianças de zero a seis anos, pois elas seriam as grandes protagonistas da idealização da sociedade futura. Gomes (1932 p. 61) retificou essa afirmação na citação:

Todos os grandes Estados compreendem já que está na creança a garantia das raças porvindoras, e assim deram-lhe e logar saliente na comunhão social observando-a com carinho, assistindo-a com sabedoria e estimulando-a com entusiasmo.

A centralidade da atuação da criança nos anseios dessa sociedade vindoura continuou a ser realçada no texto de Gomes (1932, p. 61), o autor chega a vislumbrar a “perfeição da raça”:

Uma raça convenientemente preparada e educada desde o seu embrião, será futuramente uma grande força moral, intelectual e economica, sendo os governos que se interessam por obra tão valiosa, cobertos pelas benções unanimes da posteridade.

Nesse sentido ao analisar a *Revista do Ensino*, Rodrigues e Silva (2019, p. 30), identificaram que a revista versava sobre diferentes temáticas, mas em torno do objetivo de propagar qual seria o modelo de indivíduo que devia compor a nação, não esquecendo

que esse deveria estar de acordo com as recomendações feitas nas publicações pelos “especialistas” a quem estivesse disposto a se submeter a uma transformação para a melhor adequação ou enquadramento. Para tanto as matérias discorriam sobre

[...] noções de psicologia educacional; diretrizes para a educação das crianças; métodos e processos de ensino; higiene escolar e educação sanitária; estrutura física das escolas; seminários e conferências sobre educação; atos oficiais referentes ao Ensino Primário e Normal do Estado; e dados estatísticos sobre Instrução Pública e Particular (dados numéricos de matrículas no ensino primário). (RODRIGUES; SILVA, 2019, p. 30)

Em consonância com essa citação Guimarães (2017, p.83) ressalta que

É na modernidade que acontece uma intensificação de novas idéias sobre a criança e a infância, por meio de estudos que desenvolvem novos saberes e entendimentos a respeito de práticas de como educar e conhecer as crianças. Estes conhecimentos produzem outros modos de entender e atender a infância no âmbito familiar e institucional que foram marcando as práticas da assistência a infância de diferentes momentos históricos e diferentes contextos.

Passava-se a acreditar que o ambiente no qual a criança estava inserida era também fator determinante para o desenvolvimento físico e comportamental delas, “ O meio em que vivem, os costumes paternos, o estado de saúde, a pobreza, etc. Podem produzir variações de ordem physical, moral e intellectual.” (RIBEIRO, 1936, p. 49). Sendo assim, os estudos e as prescrições sobre a infância eram embasados no que havia de mais “moderno” em relação aos métodos educativos da época. Formar uma raça forte seria uma necessidade e que deveria ser enfrentada com a instrução das crianças, assim essa era uma missão que o país deveria assumir. Gomes (1933, p. 39) discorreu em um dos seus textos sobre esse assunto “ [...] Responderemos com a ação, organizando uma instituição de assistência social, única capaz de salvar o país de uma derrocada futura, pelo aperfeiçoamento da raça.”.

Não por acaso, os discursos que compunham esse novo modelo de sujeito estavam fortemente marcados pelas influências das ideias da Escola Nova. A *Revista do Ensino* era uma forma de promulgar essas ideias e sendo o seu editor o professor José Baptista de Mello não era de se esperar outra posição da mesma. Matheus de Oliveira (1932, p. 8) reiterou o apoio ao idealizador e editor chefe da *Revista do Ensino* com a seguinte declaração:

Não quero encerrar essas linhas, ligeiramente escriptas para atender a um delicado convite do ilustre diretor do Ensino Primario, prof. José de Mello sem renovar a minha solidariedade à obra ingrata e patriótica dos professores paraybanos que em nosso meio escolar, nessa hora decisiva da nacionalidade, se estão esforçando para implantar o ensino moderno.

Como frisou Alice de Azevedo Monteiro (1933, p. 30) acerca das novas teorias a serem empregados na educação do estado:

Ali as futuras jardineiras, se especializam nos metodos de Froebel, Montessori, Decroly e todos os que constituem a escola nova, sem que no entanto aptas para tal ensino as normalistas, que se não se submetam a alguns anos de pratica nos jardins da infância

Os olhares estavam voltados para as crianças pequenas e essa visão existia em todo o país, o adepto das ideias escolanovistas Lourenço Filho destacava a importância dessas crianças, para ele era indispensável, a existência dos Jardins de Infância, de acordo com Nascimento (2001, p. 159)

O método de ensino adotado nos jardins de infância era o intuitivo, propondo o desenvolvimento da percepção direta e experimental da criança, conduzindo-a do pensamento concreto ao abstrato, de forma que o contato sensorial com o mundo deveria ser o ponto de partida de toda a educação infantil.

Nessa perspectiva, podemos observar que seria através dos Jardins de Infância, que as modernas teorias fundamentais da psicologia da aprendizagem infantil seriam postas em prática. Sobre a introdução desses novos métodos de ensino Alice de Azevedo Monteiro (1934, p. 42) posicionava-se:

Que uma criança é capaz de desenhar, escrever, calcular, de fazer ginastica, todos nós sabemos. O que, porém, deve nos saber, é o modo de cultivar-lhe os sentimentos e o coração, de desenvolver-lhe o caráter, de formar a personalidade moral.

Para Monteiro (1934) era muito importante que antes de frequentar as escolas de primeiras letras essas crianças tivessem a oportunidade de frequentar as escolas maternas, isso de acordo com a autora lhe conferiria uma maturidade diferenciada, fazendo com que tivesse um comportamento mais apropriado, dando menos trabalho aos

futuros professores. Patricio (1932, p. 53) também seguiu essa mesma linha de pensamento:

As creanças antes daquela idade devem frequentar os Jardins de Infância e as Escolas Maternais, porque nesses estabelecimentos o ensino não tem a dureza das escolas comuns, inadequadas às creanças de cinco e seis anos.

Para que esse objetivo obtivesse sucesso, no entanto, essa criança deveria estar amparada pela guarda do estado. O discurso sobre os rumos da educação era pautado na necessidade proeminente de se cultivar uma “nova sociedade”, tendo como base os valores morais, capazes de corrigir e regenerar a raça. Nas palavras de Gomes (1932, p. 61):

E foi pensando assim, certos da perfeição etnogenica das glebas futuras que as potencias mundiais se deram mãos na cruzada eugenica que futuramente marcará os pontos de uma longa partida, jogada cientificamente para o bem comum.

Nesse sentido era preciso investir nas crianças, essas sim eram os indivíduos, que a partir da instrução adequada, seriam responsáveis, pelo sucesso/progresso da sociedade futura. Como reforçou Gomes (1932, p. 62) “[...] dahi segue a creança para a escola, sempre vigiada pelos olhos da ciência e amparada pelo Estado.” As crianças eram percebidas por meio de um caráter salvacionista, ou seja, elas seriam as redentoras da nação caso pudessem ser instruídas de acordo com os métodos “mais modernos e inovadores” que a ciência poderia fornecer. Assim elas poderiam “evoluir”, tanto física como moral, e tinham que ter como fim último servir ao país. Esse discurso ficou evidente na colocação de Monteiro (1932, p. 42)

Considerava-se um dever de justiça dos poderes publicos concorrer para o aperfeiçoamento físico e mental do indivíduo, tornando-o capaz de, pelo conhecimento de seus direitos, bem cumprir os seus deveres para com a Nação.

A criança, portanto, conquistava um lugar social diferenciado, mas, todavia, deveria ser tutelada pelas decisões do Estado. Nesse sentido, essa criança passava a ser monitorada também por outros olhares como o higienista e o moralista. De acordo com Azevedo (2019, p. 147) “É evidente que a temática médica e a moral, assim como a da

psicologia, ocupam o espaço escolar e promoveram práticas educativas para civilizar e moralizar as crianças, mais do que isso, para normatizar e governar.” Nesse sentido os Jardins de Infância se constituíam como o ambiente ideal ou oportuno para viabilização dessas ideias. De acordo com essa perspectiva:

a Revista do Ensino se constitui como uma agência normalizadora das condutas dos leitores, cuja maioria era composta de professores, porquanto o periódico era de assinatura obrigatória ao professorado. Ou seja, temos a formação de um educador que irá atuar no espaço escolar e formar as crianças. (AZEVEDO, 2019, p. 146).

A partir dos artigos publicados nas revistas, era possível ao professor (público alvo dos periódicos), conhecer as teorias e os teóricos mais atuais no que se referia aos métodos utilizados pela educação moderna.

Esta cultura envolve necessariamente todos os aspectos e aditivos auxiliares da formação pessoal, elevando-se desde os Kinder Garten e demais círculos escolares até proporcionar-lhe o ofício ou profissão com que haverá de libertar dignamente sua subsistência no futuro, convertendo-o em um cidadão útil à pátria. (GOMES, 1933, p. 43).

As revistas serviriam como uma espécie de porta voz de diversas questões para os professores, inclusive sobre as escolas maternas e os jardins de infância. Para Galvão (1933, p. 45):

Os Jardins da Infância, destinam-se a receber as crianças, que não sendo ainda escolar, aí desenvolvem as suas faculdades mentais, através dos jogos que segundo Decroly, governam e impelem naturalmente, esse desenvolvimento.

Em consonância com essa perspectiva, a professora Alice de Azevedo Monteiro (1932 p. 48) em um dos seus artigos para a Revista do Ensino expressou essa aposta nos cidadãos futuros, “Tudo nos leva a esperar que a nova geração de brasileiros, que hoje instruímos educamos seja digna do novo Brasil.” A afirmativa de que as crianças eram as esperanças da construção de uma pátria bem sucedida também foi incorporada ao texto do professor Mário Gomes (1932, p. 65):

Cabe pois aos Estados, portarem-se em face de tão importante assunto, a altura de suas finalidades com a assistência declarada às crianças

certos de que não ha melhor meio de amparar indiretamente as economias públicas.

Monteiro (1933) ainda ressaltou a importância da questão econômica para que esse projeto pudesse ser alcançado, a autora defendia que a criança seria o melhor investimento.

Cada criança em idade de preescolar constitue para o Estado um valor que lhe pertence; é assim um capital, que ele deve tratar, assistir, zelar, a fim de que lhe possa render juros amanhã. (MONTEIRO, 1933, p. 30).

A criança se tornou peça fundamental para o desenvolvimento da nação. Pessoa (1942) seguiu por esse mesmo caminho, a escola e a instrução teriam um papel central para alcançar a correção necessária a uma nação civilizada. “A escola, portanto, deve ministrar uma educação sólida e plena, que elabore a regeneração dos costumes, o amor a família, á Pátria, as ciências e as artes. Civismo e altruísmo”. (PESSOA, 1942, p. 21).

A *Revista do Ensino* da Paraíba iniciou sua circulação em um momento especialmente representativo no que diz respeito aos “novos rumos” da instrução das crianças menores de seis anos vivenciavam. Dessa forma, ela foi um importante veículo de propagação de ideias sobre os jardins de infância e os ideários da Escola Nova. Ao se destinar aos professores pode promulgar esses ideais para o estado.

Esses ideários iam sendo fortalecidos a partir dos discursos proferidos por seus colaboradores, Monteiro (1934, p. 45) afirmou: “Sem os Jardins de Infância torna-se incompleta a adoção dos modernos preceitos de ensino, todos baseados na psicologia experimental”. E Mário Gomes (1934, p. 28) reforçou a sua tese, também em artigo publicado na mesma revista e no mesmo ano: “A escola nova é senhora de um processo de educação progressiva cujos élos em sendo interrompidos darão como resultado o fracasso completo de todo trabalho educativo.”

Essas alusões claras a Escola Nova e aos métodos de ensino sugeridos por ela, revela a transição que estava ocorrendo em nosso estado, do ensino “tradicional” para o ensino “moderno”, com seus métodos “inovadores” assim como “novas as maneiras” de se compreender o universo infantil e instruí-lo para o progresso da nação. “Como uma planta carinhosamente cuidada se desenvolva sadia e bella, porque saude physica e moral

é a melhor forma da beleza.” (RIBEIRO, 1936, p. 50). Nesse sentido, grande parte dos artigos que compunham esses periódicos versavam sobre modos de se regenerar e de se formar o futuro cidadão.

De acordo com Azevedo (2019) são recorrentes os discursos médico, psicológico e moral, que vão sendo disseminados no estado paraibano, durante a veiculação desse periódico, contribuindo para se atualizar a forma de se pensar a infância. Ao serem analisadas, as publicações das *Revistas do Ensino* foi possível perceber a presença de um discurso, em que os autores, colocavam a criança, como um dos grandes pilares, capazes de através de uma condução e instrução adequada, concretizar o ideal de uma nação progressista, civilizada e moderna. “Preparemos pois, confiadamente, desinteressadamente, com o desprendimento dos idealistas e dos homens de amanhã [...]”. (MONTEIRO, 1942, p. 26). A esses sujeitos, ou seja, as crianças pequenas, cabia a responsabilidade de transformar o país numa pátria digna de toda admiração e que em nada perde para as nações tidas como modelo de desenvolvimento e de progresso. Por isso, ao se referir a esses pequenos indivíduos era comum a associação de expressões que utilizavam palavras que faziam alusão a termos relacionados ao progresso e a construção da nacionalidade do país, dessa forma era constante a utilização de termos como: “futuro”, “progresso”, “ adaptação”, “pátria”, “nação”, etc. Era importante que essas palavras fossem recorrentemente citadas principalmente, nos discursos oficiais.

Desse modo, as *Revistas do Ensino* enfatizam o papel ocupado pela criança e pela infância no discurso de seus autores. Assim a leitura desses artigos nos auxiliou a entender como as questões ligadas à infância, à nação e às ideias escolanovistas estavam sendo geridas na Paraíba das décadas 1930 e 1940. No próximo capítulo apresentamos as considerações finais advindas do nosso percurso de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como ideia central compreender como estavam sendo trabalhados os conceitos de infância e de criança nas *Revistas do Ensino* a partir das matérias publicadas em suas páginas. Para tanto, iniciamos a nossa pesquisa com um mapeamento dos quinze exemplares do periódico, mapeamento este que começou a partir da iniciativa do Grupo de pesquisa do Prolicen. O foco da filtragem foi localizar nessas revistas os textos e autores que escreviam sobre a temática proposta, ou seja, as crianças e a infância e as concepções que esses autores tinham sobre elas. O título do nosso trabalho foi inspirado numa frase citada na publicação de 1933 da professora Alice de Azevedo Monteiro, responsável pela criação dos primeiros jardins de infância do estado da Paraíba: “Que tudo seja para a glória e para o progresso da terra admirável de João Pessoa [...]” (MONTEIRO, 1933, p. 32).

No primeiro capítulo explicitamos nossas fontes, as *Revistas de Ensino*, nosso recorte temporal, 1932 a 1942 e nossos objetivos. Nele também mostramos como pretendíamos pensar a imprensa como fonte da nossa pesquisa.

No segundo capítulo que introduziu o trabalho, apresentamos um panorama sucinto do contexto histórico pelo qual passava alguns países do mundo e o Brasil passavam, esses países eram ditos como “modelos” de progresso a serem seguidos. Nos atemos, também, a observar como diversos autores da época estavam preocupados com a formação de uma nacionalidade e que fosse pautada nas ideias trazidas pela modernidade. Dessa forma, nos preocupamos observar de que modo, o estado da Paraíba acolheu as transformações e as ideias trazidas pela Escola Nova, que na época era sinônimo de progresso e de “novos” modelos educacionais, representada principalmente na figura do professor José Baptista de Mello. Nesse sentido, buscamos pesquisas que trabalhavam com o ideário da Escola Nova e com o referido professor. Baseamos nosso olhar nos trabalhos de Carvalho (2002), Vidal e Faria Filho (2003), Kulesza (2016), Kuhlmann Jr. (2002, 2004) e Nascimento (2001).

Através desses textos nos foi possível observar que as concepções de criança e de infância eram dinâmicas e que havia uma circulação de ideias sobre a educação das crianças pequenas no Brasil. As leituras nos apontam ainda, que nas primeiras décadas do século XX, ocorreu uma intensificação de criação de espaços para a educação das crianças pequenas no Brasil. Para que essa difusão ocorresse foi fundamental a circulação

de ideias sobre a educação da primeira infância e os modelos de jardins de infância. Nesse sentido, a educação assumia um papel importante para a sociedade e precisa ser difundida para todas as idades. Os cuidados dispensados à primeira infância eram representados como indispensáveis para o desenvolvimento e progresso da nação moderna.

Assim o conceito de criança e de infância estava intimamente ligado ao conceito de futuro e de nação, ou seja, seria educando as crianças que se teria no futuro bons cidadãos. Nesse sentido, temos a sinalização que, para pensarmos os conceitos de infância e de criança, precisamos pensar como essas categorias sofreram mudanças ao longo do tempo. O estudo nos levou a refletir, sobre a necessidade de entender como ocorreram essas mudanças nos conceitos e nas relações, sobretudo nas mudanças ao se conceituar essa fase de vida e consequentemente os seus sujeitos.

O nosso terceiro capítulo versou especificamente sobre os textos produzidos nas *Revistas do Ensino* e de que forma os autores pensavam a formação dos professores do estado. Assim compreendemos nas páginas das revistas que se procurava difundir um pensamento sobre “o que havia de mais moderno” para instruir as crianças pequenas.

Como podemos observar nos escritos da *Revista do Ensino* para que as ideias do ensino moderno se efetivassem, o professor exerceria outro papel, contudo, de grande importância. Segundo os escritos nas revistas era necessário que esse profissional estivesse disposto a romper com as “práticas tradicionais ou retrogradadas”, para abraçar os métodos trazidos pela Escola Nova. Para tal, também seria necessário a formação adequada dos professores nos “moldes modernos”. Assim as crianças poderiam receber a melhor instrução e assim, um dia, contribuir para a regeneração da raça e consequentemente o progresso da nação.

As *Revistas do Ensino* foram de suma importância para propagar essas ideias escolanovistas, pois seus autores possuíam ligações com a corrente da Escola Nova e escreviam sobre “o que havia de mais moderno” para a renovação dos métodos de ensino. Para pensar a infância moderna, esses autores se apoiavam nos estudos sobre as crianças em alguns teóricos como Montessori, Froebel e Dewey. É importante compreender que naquele contexto, o ato de educar estava associado diretamente ao ato de civilizar, manter a ordem e preparar o indivíduo para bem servir a pátria e a nação, ou seja, a formação do cidadão.

Procuramos neste trabalho realizar um diálogo entre os autores da *Revista do Ensino* e as pesquisas sobre nosso tema, na tentativa de procurar compreender as

complexidades acerca das concepções de criança, infância e nação. Nessa perspectiva, o nosso trabalho nos deu um primeiro panorama sobre os estudos sobre a história da infância. Temos a compreensão de que existe a necessidade de ser ampliado, na medida que se constitui como uma pesquisa inicial, que nos abriu um leque de questões a serem abordadas.

A produção deste trabalho para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, teve como foco de pesquisa um tema que faz parte dos estudos da história da educação na Paraíba foi de grande relevância para o nosso engrandecimento pessoal e acadêmico, isso se deu principalmente, porque embora cercado por alguns percalços durante a produção, nos oportunizou a vivência de uma experiência profunda, marcante e única no decorrer do nosso processo de formação docente e nosso início na pesquisa em história da educação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Meryglauca Silva Azevedo Lucena. **“A creança é uma planta mimosa e gentil, frágil e encantadora”**: Um estudo sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932 – 1942). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

_____. “A Educação da Infância: Uma Leitura na Revista do Ensino da Paraíba (1932 – 1942)” In: RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, Niédja Maria Ferreira de Lima, Vívica de Melo Silva (Org.). **Leituras sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932-1942)**. Campina Grande: EDUFCG, 2019 (e-book)

CARVALHO, Roberta Costa. **Um Escolanovista Paraibano: José Baptista de Mello**. Universidade Estadual da Paraíba. 2002.

ESPINDOLA, Maíra Lewtchuk. **Primeira República, Intelectuais e educação: entre a utopia e o (des)encantamento de Castro Pinto (1888-1915)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

_____. **As experiências dos intelectuais no processo de escolarização primária na Parahyba (1824-1922)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, 2017.

GUIMARÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, set./dez., 2017.

KULESZA, Wojciech Andrzej. **EDUCAÇÃO E POLÍTICA NA PARAÍBA (1930-1945)**. In: ENCONTRO NORTE E NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6, Natal. **Anais...**, Natal: UFRN, 2016. Disponível em: <
http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/vi-ennhe/anais/trabalhos/eixo2/submissao_14659354521071472992328098.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2020.

KUHLMANN JR., Moysés. **O Jardim-de- Infância e a Educação das Crianças pobres**. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da Infância Brasileira (1875-1983)**. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. A circulação das ideias sobre a educação das crianças pobres: Brasil, início do século XX. In: FREITAS, M.C., KUHLMANN JR., M. (org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 459-503.

LARA, Ângela Mara de Barros; RAFAEL, Mara Cecília Rafael. A Proposta de Lourenço Filho Para a Educação de Crianças de 0 A 6 anos. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas n. 44,, p.229-247, dez.2011.

LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. **Percursos e Percalços na Implantação dos Jardins de Infância na Cidade da Parahyba**: uma contribuição ao estudo sobre a

educação infantil (1917-1939). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NASCIMENTO, José Mateus do. **O Jardim de Infância Modelo de Natal e o cultivo de uma pedagogia para a Educação Infantil**. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da Infância Brasileira (1875-1983)**. Campinas: Autores Associados, 2001.

NASCIMENTO, Carla Guedes do. **Ideias de Xavier Júnior sobre o jardim de infância da Paraíba na primeira república**. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, 2018.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Introdução. In: RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, Niédja Maria Ferreira de Lima, Vivia de Melo Silva (Org.). **Leituras sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932-1942)**. Campina Grande: EDUFPG, 2019.. (e-book)

RODRIGUES, Melânia Mendonça. A Educação da Infância: Uma Leitura na Revista do Ensino da Paraíba (1932-1934). In: RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, Niédja Maria Ferreira de Lima, Vivia de Melo Silva (Org.). **Leituras sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932-1942)**. Campina Grande: EDUFPG, 2019. (e-book).

RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, Vivia de Melo Silva. Imprensa e educação: a Revista do Ensino da Paraíba. In: RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, Niédja Maria Ferreira de Lima, Vivia de Melo Silva (Org.). **Leituras sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932-1942)**. Campina Grande: EDUFPG, 2019 (e-book)

ROMÃO, Aurilane Regis. **ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS NA PARAÍBA**: a criação dos primeiros jardins de infância e os escritos sobre infância na Revista do Ensino (1930-1942). TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. Brasil, 1930 - 1961: Escola Nova, LDB e Disputa entre Escola Pública e Escola Privada. **HISTEDBR on-line**. Campinas, n. 22, p. 131-149, jun., 2006.

SKALINSKI JUNIOR, Oriomar; TOLEDO, César de Alencar Arnaut. A IMPRENSA PERIÓDICA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: TEORIA E MÉTODO. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 48, p. 255-268, Dez., 2012.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Segunda Vertente: A História da Educação e as Escolas Normais. **Revista Brasileira de História**, vol. 23, nº 45, 2003.

FONTES

GOMES, Mário. Deveres do Estado para com a Criança. **Revista do Ensino**. v. III. João Pessoa, Setembro, Imprensa Oficial, p. 61-65, 1932. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Cruzada Infantil. **Revista do Ensino**. v. V(6 e 7). João Pessoa, Imprensa Oficial, Setembro, 1933. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

MONTEIRO, Alice de Azevedo. Jardim de Infância. **Revista do Ensino**. v. 1, João Pessoa, Imprensa Oficial, Abril, 1932a. p.13-14. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Palavras da diretora do Jardim da Infancia para a Revista do Ensino. **Revista do Ensino**. v. III. João Pessoa, Setembro, Imprensa Oficial, 1932b. p. 53-65. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

PATRÍCIO, Severino. Idade Escolar. **Revista do Ensino**. v. III. João Pessoa, Setembro, Imprensa Oficial, p.53-54, 1932. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

PESSOA, Silvia. A Criança e o Educador. **Revista do Ensino**. v. XIV (17). João Pessoa, Imprensa Oficial, Abril, 1942. p. 19-26. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

RIBEIRO, Julita. Como observar nossas crianças. **Revista do Ensino**. v. X(13). João Pessoa, Imprensa Oficial, Setembro, 1936, p.51-52. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.